

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 57 – Janeiro / Março 2007 – Preço – 5,00 € (IVA incluído)



57

ISABEL DA TRINDADE

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Isabel da Trindade 3

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

Biografia de Isabel da Trindade 5

MANUEL FERNANDES DOS REIS

A Irmã Isabel da Trindade e os Santos do Carmelo .. 17

- *Santa Teresa de Jesus* 28

- *S. João da Cruz* 46

- *Santa Teresa do Menino Jesus* 57

NÚMERO 57

Janeiro – Março 2007

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Director

P. Alpoim Alves Portugal

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 MARCODECANAVESES
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359
E-Mail: editorial@carmelo.pt

Assinatura Anual (2007)	€ 18,00
Europa	€ 26,50
Fora da Europa	€ 45,00
Número avulso	€ 5,00

Impresso na ARTIPOL - Mourisca do Vouga - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

ISABEL DA TRINDADE

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Ao apresentar este número da Revista de Espiritualidade todo ele dedicado a levar aos nossos leitores a figura, os rasgos característicos da personalidade, e o essencial da espiritualidade da beata Isabel da Trindade, gostaria de começar por afirmar que Isabel foi uma personagem excepcional pela sua forte personalidade e pela ressonância universal que teve. Esta característica acentua-se ainda mais quando conhecemos mais de perto a sua experiência pessoal da in habitação da Santíssima Trindade e a doutrina que daí emana.

A aproximar-nos de Isabel da Trindade temos a clara sensação de que nos encontramos diante de um duplo mistério: o mistério de Deus e o mistério do homem ao mesmo tempo e que nela se unem e apresentam como uma única expressão da sua vida. Não é verdadeiramente entusiasmante e atraente uma figura assim? Na realidade, Deus não podia privar a sua Igreja de uma testemunha tão marcante desta espiritualidade trinitária, mais ainda de uma espiritualidade que é toda envolvente no mistério insondável da Santíssima Trindade. E quem, melhor que a beata Isabel, nos deu alguma vez uma prova tão singela, tão viva, dessa realidade que a todos afecta tão profundamente: «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?». Isabel da Trindade é bem consciente desta verdade e toma-a muito a sério na sua vida.

O vértice da sua experiência espiritual é constituído pela «inhabitação dos Três Hóspedes Divinos». Esta experiência aconteceu

durante uma existência que se apresenta como um caminho, dirigido para o seu «Pólo Magnético», através de todas as vicissitudes pessoais, familiares e sociais pelas quais passou. Uma existência também demasiado breve pois que esta carmelita descalça morreu com apenas vinte e seis anos de idade. Porém, foram as Três Pessoas divinas que constituíram como que um fio condutor e unificador das diversas etapas da sua existência: desde o lar familiar até terminar no Carmelo.

Falar de Isabel Catez, nome de família, é falar do mistério da Santíssima Trindade em nós, dessa experiência maravilhosa que cada um de nós é chamado é fazer como plenitude de vida, meta a atingir nesta peregrinação até ao encontro face a face. De facto, a mensagem trinitária de Isabel compromete totalmente a sua pessoa histórica porque é vivência pessoal antes ainda de ser doutrina formulada e comunicada. Mensagem partilhada, existência vivida e processo interior de santificação, formam um tríptico de realidades profundamente unidas. Na unidade da sua pessoa estão presentes todos os valores humanos de que a graça necessita para que a sua vocação trinitária seja uma autêntica realidade, embora necessitem duma orientação e, até, duma transformação contínua.

Mulher de grande personalidade, Isabel representa um equilíbrio entre a natureza e a graça, entre o realismo humano e o sobrenatural. Como jovem humanamente atraente, vibrante e cativadora, Isabel soube conservar sempre a serenidade do espírito e a firmeza das suas convicções pessoais.

Desde Junho de 2006 que estamos a celebrar o primeiro centenário da sua morte. O Centro de Espiritualidade dos Padres Carmelitas Descalços quis marcar este período do centenário com a celebração de uma Semana de Espiritualidade dedicada totalmente a apresentar esta figura extraordinária do Carmelo a quem desejasse aproximar-se dela. Aliás, durante todo o ano pastoral as várias actividades tiveram sempre a beata Isabel da Trindade como o grande objectivo do nosso estudo e reflexão. Como coroação de todas essas actividades, este número da Revista de Espiritualidade traz agora alguns dos trabalhos realizados e expostos na XXIII Semana de Espiritualidade em Agosto de 2006, prometendo voltar.

BIOGRAFIA DE ISABEL DA TRINDADE

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

A minha cordial saudação para todos vós, participantes nesta Semana de Espiritualidade. Os responsáveis pela organização desta semana de estudos dedicada à Beata Isabel da Trindade pediram-me para apresentar os traços fundamentais da vida desta jovem carmelita descalça. Não me tenho por especialista de coisa alguma a não ser o nada silencioso e adorador perante o mistério de Deus e das pessoas que ultrapassa qualquer imaginação, razão e fé. Esta especialidade aperfeiçoa-se no contacto com Isabel da Trindade. Ela é uma criatura humana com o coração cheio da constante presença de Deus-Trindade; é um ícone oferecido à Igreja que introduz os crentes e amantes nesse mistério de Amor. Aliás, foi na contemplação deste mistério do Deus-Trindade-Amor, que ela se definiu a si mesma: «Sou Isabel da Trindade, quer dizer, Isabel que desaparece e se perde nos “Três”, e que se deixa invadir por eles... » (Carta 172).

Agora, e sem mais delongas, apresento-vos este trabalho em Power Point ¹ que resume as flechas da vida de Isabel que mais me afoguearam a alma.

¹ Apresentação em 20 diapositivas e que quisemos reproduzir aqui. Pedimos desculpa pela perda de qualidade das mesmas devido à falta de côr (foram apresentadas em côr) e à sua apresentação em tamanho mais pequeno que o normal.

Os pais de Isabel



Capitão José Catez



Maria Rolland Catez

Herdou do pai:

- o idealismo
- a tenacidade
- a «vontade de ferro»
- parte do temperamento «explosivo».

Herdou da mãe:

- a riqueza da sua sensibilidade
- e a sua natureza impulsiva.

1

2



Isabel nasceu a 18 de Julho de 1880, perto de Bourges, no acampamento militar de Avor, e foi baptizada a 22 de Julho, festa de Santa Maria Madalena.



Com Jeanette,
a boneca

«Quando tinha um ano, já se manifestava a sua natureza ardente e colérica. Estava muito adiantada na fala, (...) esta natureza acentuou-se cada vez mais...»

A mãe fala dos «*olhos furiosos de Isabel*».



- 4 anos

- As cóleras da pequena Sabeth foram frequentes até aos 7 anos, sobretudo quando era contrariada.
- *«Estes arrebatamentos eram, por vezes, tão violentos que chegavam a ameaçá-la com a ida para a Casa do Bom Pastor... e até lhe preparavam a sua pequena mala...!»*
- *«Era muito viva, mesmo arrebatada! Colérica, tinha autênticas fúrias! um verdadeiro diabo!»* (Guita, in Pr.)
- Aos 7 anos morreu-lhe o pai de quem tanto gostava. Perdeu alguma vivacidade a pequenita, mas as fúrias continuaram.

3

4

Aos 8 anos faz a 1ª Confissão. Neste Sacramento, Sabeth recebe um impacto sobrenatural profundo que a desperta para as coisas de Deus. Imediatamente se lança na luta contra os seus defeitos.

«Era noite. As pequenas, cansadas de brincar, tinham começado uma conversa infantil. Isabel, com hábil manobra, trepou para os meus joelhos para me segredar ao ouvido: «Sr. Cônego Angles, vou ser Religiosa; quero ser Religiosa!». Sempre me lembrarei da exclamação irritada da mãe: “o que está a dizer essa tontinha?”. A Srª Catez lembra-se bem do claustro em que me veio procurar no dia seguinte. Perguntou-me, ansiosa, se eu acreditava tratar-se, na verdade, de uma vocação. Respondi com palavras que lhe atravessaram o coração: «Eu creio que sim!»
(P. Isidoro Angles)



Isabel e Margarida



Aos 10 anos faz a sua primeira comunhão, no dia 19 de Abril de 1891.

•«Nesse dia, em que Jesus fez de mim Sua morada, em que Deus se apoderou do meu coração, ... só aspirava a dar a minha vida, a retribuir um pouco o Seu grande amor ao Bem-Amado da Eucaristia, que residia no meu pobre coração, inundando-o de favores» (Escreve Isabel sete anos mais tarde).

•Acabaram-se os arrebatamentos de cólera. Apenas, de vez em quando, aparecia alguma lágrima silenciosa a denunciar a luta travada no seu íntimo para se dominar.

5

6

•Quanto à música, desde os 8 anos que estuda no Conservatório e todos os dias passa horas em casa ao piano. Aos 13 anos obtém o primeiro prémio de piano no Conservatório de Dijon... «Quando me convidavam para os Concertos, antes de sair de casa, ia recolher-me em oração no meu quarto... pois eu conhecia a minha natural vivacidade...»

•Uma das suas melhores amigas - Françoise de Sourdon - diz de Isabel «Os seus olhos negros brilhavam...tocava maravilhosamente o piano, com um sentimento excepcional. Um dia, em que tocava a Balada em si menor de Chopin, meu pai, que era grande músico, disse ao ouvi-la: "Esta pequena faz-nos chorar!"»

•Isabel tinha uma bela voz de soprano.



13 anos

«Ia fazer catorze anos, quando um dia, durante uma acção de graças, me senti irresistivelmente inspirada a escolher Jesus como único esposo e imediatamente a Ele me liguei por um voto de virgindade» (S 23).

Um dia, depois de comungar, «ouve» dentro de si mesma a palavra «CARMELO», pondo fim a todas as suas dúvidas e procuras. A partir desse dia já não aspira a nada mais senão ir para lá. Comunica-o à mãe.

A mãe, proíbe-a de qualquer contacto com as Carmelitas da cidade. Isabel começa a viver uma longa espera de 7 anos.



«Sou morena e, segundo dizem, bastante alta para a minha idade. Tenho olhos pretos e brilhantes, mas umas sobrancelhas carregadas, o que me dá um ar severo» (DS 16)

7

8



16 anos

- ▣ Entretanto, a jovem Isabel, vai amadurecendo uma nova forma de ver as coisas: «*O que Tu queres, é o que eu quero!*».
- ▣ Sou alegre e, tenho de o confessar, um pouco incauta. Tenho bom coração. Gosto que me apreciem. Dizem que é sempre bom ser um pouco vaidosa. Não sou preguiçosa, pois sei que o trabalho nos faz felizes. Sem ser um modelo de paciência, em geral sei dominar-me. Não sou rancorosa. Tenho os meus defeitos e bem poucas qualidades! (Ds 16).
- ▣ «... O meu coração está continuamente com Ele» (P 43).

- «*Como gosto deste horizonte sem limites nem fronteiras!*» (ao contemplar o mar em Biarritz).
- Nas suas cartas fala de música, dos bailes, do convívio com outras jovens, do ténis, dos concertos, das visitas a museus e castelos... «Nunca a ouvi dizer mal de ninguém... (S 24).
- «Tu, que me dás a minha vocação, Oh! Conduz-me a essa união íntima, interior, a essa vida toda em Deus, que é o meu anseio!» (P 54, em 29 de Maio de 1898).



18 anos

9

10



«Ao pé da Tua Cruz, meu Amado, venho repetir-te, ó Amor, que tomes o meu coração sem retorno» (Diário).

- Em Março de 1899, a mãe de Isabel compreendeu que não podia impedir mais a vocação da sua filha ao Carmelo. Por entre lágrimas, dá-lhe o seu consentimento, mas impõe-lhe uma condição: só aos 21 anos.
- Cinco dias depois dá o dito por não dito, porque «tinham-lhe falado dum partido de casamento para mim... Ah! O meu coração já não está livre, dei-o ao Rei dos reis, já dele não posso dispor» (31 de Março de 1899).
- Nos bailes, ela dançava para ELE. Uma vez, uma amiga viu-a de tal forma transfigurada, que lhe segredou: «*Isabel estás a ver a Deus...*!» Ela apenas sorriu...
- Os seus visíveis encantos geravam à sua volta muitas esperanças, mas os jovens - bons psicólogos - diziam entre si: «*Ela não é para nós, reparai no seu olhar...*».



Guida/Isabel

Primavera de 1901. Isabel encontra-se em vésperas de partir para o Carmelo. É a fotografia do adeus.

«Dentro em breve direi adeus a tudo o que amo. Ah! o sacrifício está feito, o meu coração desligou-se de tudo, e nada lhe custa fazer por Ti.

Mas há um sacrifício doloroso para o meu coração, um sacrifício para o qual Te peço ajuda: deixar a minha mãe e a minha irmã» (Carta 133).

11

12

20 anos
e 10 meses

«Envio-vos a minha fotografia. Enquanto a tiravam pensava n'Ele, portanto, é Ele que aqui vos envio» (Carta 62)

«Estávamos em vésperas da primeira Sexta-feira do mês. Fiel ao seu encontro de Getsémani, Isabel acabava de passar em oração grande parte da noite, quando a sua pobre mãe incapaz de sossegar, se veio ajoelhar junto da sua cama, deixando correr as lágrimas às quais se misturaram as da sua filha, que não procurava dissimular a angústia do seu coração

"Então, porque me vais deixar?" "Ah! Mãe querida, acaso poderia eu abandoná-Lo? Tenho de partir..."

"Ele estende-me os braços e diz-me que é desconhecido, ultrajado, desdenhado..."

Chegado o momento de abandonar para sempre o lar materno, Isabel foi ajoelhar-se diante do retrato do pai pedindo-lhe a bênção».

Depoimento da mãe (S 76-77)



Postulante

Entrada no Carmelo: 2 de Agosto de 1901

P/. Quanto a vós, qual é o ideal de santidade?

R/. Viver de amor.

P/. Qual é o meio mais rápido para o conseguir?

R/. Fazermo-nos pequeninas
e entregarmo-nos para sempre (NI 12).



Noviza

Tomada de hábito: 8 de Dezembro de 1901

Reza muito pela tua querida carmelita, para que se entregue totalmente, inteiramente oferecida, e que rejubile no Coração do seu Senhor... Peça-lhe que eu deixe de viver, mas que Ele viva em mim (Carta 99).



Professa

Profissão solene: 11 de Janeiro de 1903

«Enfim, Ele é meu e eu sou toda d'Ele. Só o tenho a Ele. É o meu tudo!

E agora já só tenho um desejo: amá-Lo, amá-Lo todo o tempo, velar pela sua honra como uma autêntica esposa» (Carta 156).

13

14



▪ *«Cada dia que passa, a minha vida de "esposa" parece-me mais bela, mais cheia de luz, mais rodeada de paz e de amor. Naquela noite que precedeu a minha Profissão, enquanto estava no coro à espera do Esposo, compreendi que o meu Céu começava já na terra, o céu na fé, unido ao sofrimento e à imolação pelo meu Amado...»* (Carta 169).

▪ *«Ser tomada por esposa..., é o Pai, o Verbo e o Espírito Santo invadindo a alma, endeu-sando-a, consumindo-a por amor (NI 13).*

Sou Isabel da Trindade, quer dizer, Isabel desaparecendo, perdendo e deixando-se invadir pelos Três...

Unamo-nos para fazer dos nossos dias uma comunhão contínua: pela manhã, acordamos no Amor e, durante todo o dia, entreguemo-nos ao Amor, isto é, fazendo a vontade de Deus, sob o seu olhar, com Ele, n'Ele e só por Ele.

Entreguemo-nos o tempo todo da maneira que Ele quiser. E depois, ao chegar a noite, depois de um diálogo de amor que nunca termina no nosso coração, adormecemos ainda no Amor» (Carta 172).



Jan/Fev de 1903, após a tomada de véu com a capa branca e o livro da Liturgia das Horas.

15

16

Os seus mestres:

- S. João Evangelista
- S. Paulo
- S. João da Cruz
- A Virgem Maria



- De S. Paulo dizia: *«Ele comunica-me a vida eterna. Ele é o pai da minha alma...»*.
- E sobre S. João da Cruz: *«Nestes momentos estou a ler, no nosso bem-aventurado pai S. João da Cruz, umas páginas muito belas sobre a transformação da alma nas três divinas Pessoas. A que abismos de glória estamos chamados!»*!
- Maria é a grande adoradora da Santíssima Trindade dentro de si, principalmente na Virgem da Encarnação que trouxe no seu seio, durante nove meses, o Verbo.

- Na Quaresma de 1905 aparecem os primeiros sintomas do síndrome de Addison que a levaria à morte.
- Antes do fim de Março de 1906, fica acamada na enfermaria do Convento.
- Um dia em que repetia ao Senhor a obediência recebida, pareceu-lhe ouvir no fundo da sua alma as seguintes palavras: *«Os ofícios da terra já não são para ti»*
- Então, Isabel, pediu a Teresa de Lisieux que lhe permitisse recuperar o andar, como sinal certo de que não se curaria. E assim sucedeu. No mesmo instante, começou a caminhar. Isto sucedeu a 8 ou 9 de Julho.



"Completo na minha carne o que falta à Paixão de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja".

Este pensamento persegue-me (GV 7).

17

18



Última fotografia de Isabel em vida.

Peço-vos que marqueis tudo com o selo do amor! Porque a vida é uma coisa muito séria: cada minuto que nos é dado serve para nos "enraizarmos" mais em Deus, segundo a expressão de S.Paulo, para que a semelhança com o nosso divino Modelo seja mais viva, a união mais íntima...

Deixo-vos a minha fé na presença de Deus, do Deus todo amor que habita nas almas!

(Fim de Outubro de 1906 – Carta 333).



"VOU PARA A
LUZ,
PARA A VIDA,
PARA O AMOR".

Na noite de 7 para 8 de Novembro, passou muito mal devido ao aumento da asfixia.

Na madrugada de 9 de Novembro serenou. Por volta das 6h da manhã, ao toque do «Angelus», partiu finalmente para o Foco do Amor, como costumava dizer.

19

20

PARECE-ME QUE NO CÉU A MINHA MISSÃO SERÁ ATRAIR AS ALMAS AJUDANDO-AS A SAIR DE SI MESMAS PARA SE UNIREM A DEUS, POR UM MOVIMENTO MUITO SIMPLES E AMOROSO, E A GUARDÁ-LAS NESSE GRANDE SILÊNCIO INTERIOR QUE PERMITE A DEUS IMPRIMIR-SE NELAS TRANSFORMANDO-AS EM SI MESMO.

28 de Outubro de 1906 (Carta 335).

Obrigatório saber...

- A oração mais conhecida: «Ó meu Deus, Trindade que eu adoro» Cfr. NI 15).
- Laudem gloriae (Ef1, 12): «Um louvor de glória é uma alma de silêncio que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo a fim de que Ele dela possa extrair harmonias divinas...» (CT 43).
- No céu a minha missão será a de atrair almas» (Carta 355).
- «Vou para a Luz, o Amor, a Vida» (Últimas palavras antes de morrer).

A IRMÃ ISABEL DA TRINDADE E OS SANTOS DO CARMELO

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«Esta casa é um Céu, se o pode haver nesta terra, para quem se contenta só de contentar a Deus e não faz caso do seu próprio contentamento; leva-se muita boa vida».¹

«Ah! Se se pudesse levantar o véu do Carmelo, do outro lado, que belo horizonte! É o Infinito. É por isso que aumenta cada dia. Ah! Este Carmelo, este *só a sós* com Aquele que amamos... Quanto ao frio, nem me daria conta de que estamos no Inverno, se não visse as lindas cortinas com que Deus enfeita as nossas janelas. Se tu pudesses ver como o nosso claustro está bonito com as vidraças geladas!... Se soubesses como é agradável! Sim, é um Céu antecipado» (Ct 109, 16 de Fevereiro de 1902).

Num primeiro capítulo, abordamos a figura de Isabel da Trindade na sua relação com o Carmelo teresiano e sanjoanino. O Carmelo de Dijon foi o deserto e o oásis onde viveu a sua vocação e missão de autêntica carmelita contemplativa e apostólica na Igreja. Num segundo capítulo, apresentamos Isabel da Trindade como discípula e filha de Santa Teresa de Jesus, com tudo o que a Santa Madre representa no seu caminho de consagração ao Senhor e de

¹ Santa Teresa de Jesus, *Caminho de Perfeição* 13, 7.

serviço à Igreja. Num terceiro capítulo, mostramos Isabel da Trindade como discípula e filha de São João da Cruz e o que o Doutor Místico significa no seu caminho de seguimento de Cristo Crucificado, de união com Deus e de transformação na Trindade. Num quarto capítulo, comparamos Isabel de Dijon com Teresa de Lisieux, mostrando os pontos de convergência e divergência entre os seus carismas e missões espirituais. Por último, evidenciamos como os três Santos do Carmelo, Doutores da Igreja, são a fonte remota da espiritualidade do Louvor de glória da Santíssima Trindade, da ciência do amor de Deus que faz os santos, que fez da Bem-aventurada Isabel da Trindade um modelo perfeito de vida carmelita.

I. Isabel da Trindade e o Carmelo

A Virgem Maria é o «lírio do Carmelo» que há-de levar a jovem à sua Ordem (P 48; 53). «Quero viver escondida para sempre no teu Carmelo» (P 2). Isabel deseja estar «no Carmelo sob o manto de Maria» (P 74), «sob o olhar da nossa doce Rainha» (P 102), como «louvor da Rainha do Carmelo» (P 103). Renova o seu voto de virgindade a 16 de Julho de 1900 e reza: «Maria, minha Mãe, Virgem do Carmo, oferece-me, entrega-me a Jesus» (NI 7). Propõe a uma amiga, que aspira a ser carmelita, o ideal contemplativo do Carmelo, que tem Maria como modelo de recolhimento: «Pede à Rainha do Carmelo, *nossa Mãe*, que te ensine a adorar a Jesus em profundo recolhimento. Ela ama muito as suas filhas do Carmelo, a sua Ordem predilecta, e é a nossa principal padroeira» (Ct 136).

«Foi na comunhão íntima com o espírito da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo que Isabel da Trindade encontrou o impulso e a força que a levaram ao cimo da união mística. «Eis a vida do Carmelo: viver n'Ele». Esta fórmula lapidária resume o seu itinerário por detrás das “queridas grades” onde se quis fazer “prisioneira de amor (...) oferecida ao Pai pelas almas, a fim de que sejam todas consumadas na Unidade”».²

² Bernard Sesé, *Petite vie de Elisabeth de la Trinité*, Desclée de Brouwer, Paris, 1993, p. 11.

«Isabel da Trindade é uma alma contemplativa, apaixonada pelo recolhimento e pela oração, que encontra no Carmelo o clima ideal para satisfazer estes desejos pessoais. Possui uma espiritualidade de interiorização que busca na doutrina de Teresa de Jesus e de João da Cruz um conteúdo teológico. Oferece-nos uma experiência mística pessoal a nível de vida e de doutrina. (...) Ambos os níveis – vida e doutrina – estão intimamente relacionados com a espiritualidade teresiano-sanjoanina. Esta relação da irmã Isabel com os Mestres do Carmelo passa por dois momentos perfeitamente distintos. No período anterior à descoberta da sua vocação de Louvor de glória, Teresa de Jesus e João da Cruz são os seus mestres. O seu magistério serve para orientar a Irmã Isabel nas diferentes etapas progressivas da sua perfeição pessoal e para garantir teologicamente a sua experiência religiosa e mística. Neste sentido, a Irmã Isabel entra primeiro em contacto com Teresa de Jesus. Conhece-a quando vive ainda no mundo. A descoberta de João da Cruz é mais tardia. Encontra-se com ele quando já vive no Carmelo de Dijon. Durante o período da sua vivência de Louvor de glória a relação da Irmã Isabel com os Mestres do Carmelo é distinta. Desconhece-se a data exacta da descoberta da sua vocação carismática no mistério da Igreja embora ela o manifeste certamente no ano de 1904. Mas, desde esse momento muda completamente a perspectiva da sua vida e da sua espiritualidade. A partir dessa data, a Irmã Isabel contempla desde o horizonte de Louvor de glória a sua vida de Carmelita e recolhe a doutrina fundamental da espiritualidade teresiano-sanjoanina, mais sanjoanina do que teresiana, para construir o seu novo caminho espiritual de Louvor de glória da Santíssima Trindade. Mais ainda, a Irmã Isabel dá, às vezes, desde a sua óptica pessoal de Louvor trinitário uma projecção nova à doutrina de Teresa de João da Cruz».³

Isabel diz-nos hoje o que escrevia à senhora Angles: «*Faz bem olhar para a alma dos santos*, e depois segui-los pela fé até ao Céu; lá eles estão totalmente iluminados pela luz de Deus, contemplam-no num eterno face a face!...» (Ct 184).

Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face e a Bem-aventurada Isabel da Trindade

³ Alfonso Aparício, «Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo», em *Monte Carmelo*, vol. 92, Burgos, 1984, pp. 147-149.

realçaram a vida de união com Deus por meio da oração. A oração é o preceito principal da Regra do Carmelo toda ela orientada para a oração contínua.

Quando Isabel Catez entrou no Carmelo de Dijon encontrou-se com uma espiritualidade de interiorização proveniente dos santos reformadores do Carmelo. Isabel da Trindade vive e interpreta a espiritualidade da interiorização, que o misticismo de Teresa e João da Cruz criaram, em função da sua vocação de louvor de glória.⁴

«A Irmã Isabel da Trindade ensina às almas a *espiritualidade da interiorização* diante do processo desintegrador da vida exterior que o homem sofre actualmente. Trata-se de um *movimento* místico de *descida* ao fundo do nosso ser para aí descobrir a *presença* de Deus e estabelecer um *diálogo* interpessoal com Ele e uma *comunhão* permanente de vida»^{4a}.

A sua espiritualidade de interiorização tem as seguintes dimensões carmelitanas: o *silêncio interior* (“permanecemos no silêncio profundo, eco do silêncio que existe em Deus” (Ct 165) e que “reina na Trindade”) que conduz à *unidade do ser espiritual* (UR 3. 5. 26), leva à *solidão espiritual* (CF 7) – (“na sua cela, seu paraíso, santuário íntimo, felicidade, diálogo doce e cordial com Ele” (Ct 142) –, no sentido de transcendência, e à *vida de oração*. Nas três primeiras, segue a São João da Cruz, e na vida de oração, a Santa Teresa de Jesus.⁵ A vida espiritual exige uma «alma solitária» (UR 26), uma «vida de oração» como «diálogo cordial com os Três» (Ct 136), um conviver com os Três dentro.

⁴ «A interiorização é a nota característica da vida e da espiritualidade de Isabel da Trindade – é o seu carisma pessoal que a define e distingue de outras pessoas –, auxiliada pelo seu psiquismo dotado para a concentração e pela vivência da inhabitação da Santíssima Trindade. A sua espiritualidade de interiorização tem um suporte humano, pois é uma mulher dotada psicologicamente para a concentração e a reflexão, e tem uma exigência teológica, porque a sua natural introspecção psíquica transforma-se em interioridade sobrenatural, em vivência da inhabitação trinitária na sua alma. Para ela, viver espiritualmente é *conviver* com os Três. A sua espiritualidade de interiorização é uma entrada em si própria para se libertar de si mesma, sair de si para Deus, na fé e no amor. É um movimento interior que supera a dimensão psicológica e estabelece na dimensão teologal de um sentimento místico da presença trinitária. A sua interioridade é uma interioridade de plenitude» (A. Aparicio, *Isabel de la Trinidad. Figura y mensaje de hoy*, em Cuadernos de Espiritualidad 2, do Instituto de Espiritualidad a Distancia, Madrid, 1984, pp. 32-39 (Cf. *Id.*, «Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo», pp. 159-160).

^{4a} A. Aparicio, *Testamento Espiritual. Sor Isabel de la Trinidad*, em *Monte Carmelo*, Burgos, 1977, p. 12.

⁵ Alfonso Aparicio, «Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo», p. 160.

O seu silêncio interior funda-se na experiência da presença de Deus na sua alma e na sua vocação de louvor de glória, que a obriga a ser «um eco do silêncio que existe em Deus» (Ct 165). É o estado da alma posta exclusivamente ao serviço de Deus, em liberdade de espírito diante das coisas materiais e sempre aberta ao divino (CF 7; UR 4). É o abandono activo de tudo para possuir o Todo (Ct 170), a noite sanjoanina, a «morte mística» (UR 24-25). No período *divergente* da sua vida, a sua espiritualidade ascética é, antes de tudo, *teocêntrica*: «Deus em mim e eu n'Ele» (NI 12). No período *convergente* da sua vida, de louvor de glória, a espiritualidade ascética é mais *crístocêntrica*, *mariana* e *trinitária*. Ascetismo positivo de escolha de um Bem superior para viver em comunhão pessoal com Deus presente na alma, com os Três. Traçou o seu projecto de santidade (UR 22 ss).

«O Carmelo é o céu na fé» (Ct 143). Isabel começou a *viver de fé*, para além da imaginação e do sentimento: «No Carmelo vive-se de fé» (Ct 323). Reorganizou teologalmente a sua inteligência na fé (Ct 323), de tal modo que «cada acontecimento da vida é um sacramento que nos revela Deus» e está convencida que «possui pela fé o que os bem-aventurados gozam já na glória» (Ct 268). A sua fórmula: «A minha fé no Amor», mesmo durante a hora da noite (Ct 239), e do sofrimento: «Vou morrer em pura fé»⁶ é o heroísmo da fé na noite que cobre a sua alma. Esvaziou a sua *inteligência* de todo o conhecimento conceptual: «apagando todas as luzes que não venham de Deus» (UR 9) – o «nescivi» (UR 1) é a doutrina do «não-saber» de São João da Cruz – para ir ao encontro do Esposo (UR 10). «Ide a Ele na fé»; «quanto fiz sofrer a minha filha!» (Madre Germana de Jesus). «Tudo via em Deus e via a Deus em tudo».⁷ A fé «é *posse* de Deus em obscuridade» e «dá-nos o conhecimento autêntico d'Aquele a quem amamos» (CF 19). Alcançou assim o silêncio interior da inteligência, que é vazio interior e luz sobrenatural, a noite ditosa sanjoanina. Esvaziou-se também na sua *vontade* de todo o acto volitivo humano impeditivo do contacto permanente com Deus, presente na sua alma: esvaziou-se do amor próprio e encheu-se do amor de Deus. «Que importa à alma sentir ou não sentir» (UR 11) para chegar ao amor puro e desinteressado de Deus

⁶ Soror Isabel, *Obras completas*, Palabras Luminosas, Editorial Monte Carmelo, Burgos, 1984, p. 729.

⁷ Maria da Trindade, *Summ.*, p. 75

e à caridade fraterna: «amo-vos com o mesmo amor de Cristo... voltei a encontrar em Deus todos os que amo» (Ct 84). Sofreu também a *noite escura passiva* (Ct 190) a fim de passar do «silêncio místico» ao «silêncio divino».

Este silêncio interior é, na espiritualidade carmelita, uma condição indispensável para a *união transformante*, e, em Isabel, é parte constitutiva do Louvor de glória. A alma, vivendo no silêncio, glorifica a Deus, porque Deus reproduz nela o seu silêncio divino ou eterno (Ct 165 a André Chevnard, 14 de Junho de 1903), «eco do que reina na Santíssima Trindade» (Ct 166). O silêncio é o melhor louvor que se canta eternamente na Trindade (UR 21), a comunicação e a comunhão interpessoal na Trindade. Isabel deseja perder-se na contemplação silenciosa da Trindade, oferecendo-lhe a homenagem de todo o seu ser em adoração (Ct 210, a Guida, 21 de Agosto de 1904), adoração de amor calado, para ser o louvor de glória de todos os seus dons (CF 43). Este silêncio de adoração é a dimensão nova que ela deu à ascese teresiano-sanjoanina do silêncio interior.

A ascese do *silêncio interior* cria a *unidade do seu ser espiritual* que, na primeira fase da sua vida, já no Carmelo, mas antes da descoberta da sua vocação de louvor de glória, foi conseguida pelo mistério da *presença* de Deus, que lhe criou a simplicidade de alma, e pela *ascese* purificadora teresiano sanjoanina. Depois, recebeu a perspectiva de ser o *Louvor de glória*. Para ser *louvor de glória*, deve reflectir em si mesma a *unidade do ser de Deus*: «a unidade é o trono da Santíssima Trindade» (UR 5) que a levou à *imutabilidade* (nada altera o seu espírito (UR 5), qual «trono do Imutável» (UR 3). Sem a unidade interior, a lira não vibra em unísono (UR 3). A sua alma, pela unidade do seu ser espiritual, reproduz a beleza (unidade), a formosura infinita de Deus (UR 26). «Isabel Catez escreveu uma das mais belas páginas da história da espiritualidade cristã sobre a unidade espiritual».⁸

Por sua vez, o *silêncio interior* e a *unidade do espírito* criam a *solidão do espírito*, exterior e interior, clima e ambiente da sua espiritualidade, centrada na presença de Deus na sua alma. Enamorada pela solidão do Carmelo, cantou lindamente a *solidão* da sua *cela*, solidão na qual Santa Teresa condensou o ideal eremítico do Carmelo:

⁸ A. Aparício, «Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo», pp. 167-169.

«É na nossa pequena cela que te escrevo, parece-me um verdadeiro paraíso, é o santuário íntimo, só para Ele e para mim: ninguém, a não ser a nossa Reverenda Madre pode entrar nela. Se soubesses como é belo viver nela sob o olhar do Mestre e num doce coração a coração com Ele!» (Ct 142 a Maria Luísa Maurel, 26 de Outubro de 1902). «Oh! minha Guida, como me encontro bem na nossa querida cela! Quando entro nela, e me sinto completamente só com o meu Esposo, em quem possuo tudo... não posso exprimir quanto sou feliz» (Ct 95 a Guida, 20 de Setembro de 1901; 162; 109). Mas esta solidão interior é sobretudo «o abismo interior da *solidão* do seu espírito» (CF 7), pois, para ser Louvor de glória, tem de reflectir a *infinita solidão* de Deus, que é a sua transcendência e divindade: «Deus é o grande Solitário... A sua solidão é a sua divindade» (UR 26). Esta solidão interior é o cume do itinerário místico: «Só com Ele só». «O meu Mestre pede-me que imite esta perfeição, a fim de lhe prestar homenagem, como alma de grande solidão» (UR 26). «O que Deus me exige... apesar de se ocultar tanto, não me permite um olhar fora d'Ele».⁹ Não é individualismo, mas «solidão sonora», companhia de dois: «Dentro de mim reina uma *solidão onde Ele mora*, e ninguém ma pode tirar» (Ct 162). «Ah! este Carmelo, este *só a sós* com Aquele que amamos, se soubesses como é agradável! Sim, é um Céu antecipado» (Ct 109).

A Madre Germana afirma que Isabel ficou encantada com o lema da família carmelita teresiana: *viver só só com Ele*. A frase teresiana procede de *Vida* 36, 29 e diz textualmente: «*Que isto é sempre o que hão-de pretender: e sós só com Ele*». Na «senda magnífica da presença de Deus, em que a alma caminha “a sós com Ele só» (UR 23). «Ah! este Carmelo, este só a sós com Aquele que amamos» (Ct 109). «Nesta querida pequena cela, onde se está tão bem “só com o Só” (Ct 162).

Para aí viver a sua *vida de oração*, que é o elemento integrador da sua espiritualidade.¹⁰ A sua vida de oração como diálogo e comunhão com Deus é fundamentalmente teresiana, A sua oração participa do carácter íntimo e afectivo da oração teresiana: «*Entrando a alma dentro de si mesma*» para viver em *abertura a uma Presença*, como «história de amizade» ou, como diz Teresa, «trato de amizade»

⁹ Soror Isabel, *Palabras Luminosas*, p. 729.

¹⁰ A. Aparício, *a. c.*, p. 170.

(V 8, 5), em «*diálogo cordial com os Três*» (Ct 225), «estando com simplicidade com tão bom Deus» (Ct 169). Ultrapassou a orientação moralizante da oração, dada pelos redentoristas, e, fez da sua vida uma *oração existencial* e permanente: «aqui orar é respirar» (Ct 206). «A oração é a essência da vida do Carmelo» (Ct 299), como *desejo* apaixonado e como *realidade* permanente na sua vida de alma inhabitada pela Santíssima Trindade e de tão grande amor a Deus. Diante da grandeza divina, Teresa *assombra-se* e Isabel *desfalece* e sente-se radicalmente *dependente* do Omnipotente. Daí que a oração é, para ela, «a união do que não é com o que é» (NI 12). Isabel dá ao clima da oração contemplativa, próprio do Carmelo, uma projecção de louvor de glória, que diante da transcendência é *adoração e acção de graças* (Ct 202 ao abade Beaubis, 2 de Junho de 1904), e diante da imanência é história de amor *filial e sponsal* (UR 1). É esta a mensagem de oração que a sua alma contemplativa oferece aos homens.

O Carmelo oferece a Isabel Catez o clima espiritual da presença de Deus. Deus é a plenitude do tempo e do espaço no Carmelo: «Tudo é encantador no Carmelo. Encontra-se Deus na lavandaria como na oração. Vive-se e respira-se Deus (Ct 206, a Guida, 30 de Agosto de 1901).

«Só gostava que me visses na barrela, de mangas arregaçadas, a chapinhar na água. Deves duvidar da minha ignorância na matéria e tens razão, mas com Jesus faz-se tudo, e acha-se graça a tudo e nada nos parece difícil ou aborrecido. Oh! Como se está bem no Carmelo, é o *melhor país* do mundo e posso dizer que me sinto feliz como o peixe na água» (Ct 108, a Francisca de Sourdon, 11 de Fevereiro de 1902).

Isabel fala-nos da sua vida de carmelita com a alma no céu e os pés na terra num clima de silêncio, solidão e oração, inspirado na Regra do Carmelo: «Pergunta-me quais são as minhas ocupações no Carmelo. Poderia responder-lhe que para uma carmelita há apenas uma: amar e rezar... [horário]... Trabalho na nossa pequena cela, quando não há limpezas a fazer. Uma enxerga, uma cadeirinha, uma mesa feita de tábua, eis todo o mobiliário, mas está cheio de Deus, e ali passo horas sozinha com o Esposo. Para mim, a cela é qualquer coisa de sagrado, é o meu santuário íntimo, apenas para Ele e para a sua pequena esposa. Sentimo-nos tão bem os dois, eu calo-me e escuto... é tão maravilhoso ouvi-Lo; assim, amo-O ao puxar da agulha e

trabalhando no burel que tanto desejei usar» (Ct 168, 29 de Julho de 1903). A oração é a única actividade do Carmelo» (Ct 142). A «unidade de vida» no Carmelo: a oração e a actividade (Ct 108).

«A carmelita vive já como no céu: “só de Deus”» (NI 6). O Carmelo é a “melhor parte” (Ct 129). O Carmelo é incomparável: «Eis toda a vida no Carmelo, viver n’Ele» (Ct 136). «Os *horizontes* do Carmelo são ainda muito mais belos, é o Infinito» (Ct 87). «O Carmelo, ainda não é o Céu, mas já não é mais a terra» (Ct 90).

«A *união* divina e toda íntima é como a essência da nossa vida no Carmelo» (Ct 184). O segredo da vida no Carmelo: «A vida de uma carmelita é uma *comunhão* com Deus de manhã à noite e da noite até de manhã. Se Ele não enchesse as nossas celas e os nossos claustros, oh! Como tudo seria vazio, mas através de tudo O vemos, porque O temos em nós e a nossa vida é um Céu antecipado. Só peço a Deus que te ensine todos estes segredos» (Ct 123). Eis a vida da carmelita: é antes de tudo uma *contemplativa*, uma outra Madalena que nada pode distrair do ÚNICO NECESSÁRIO (Lc 10, 42)... dom contínuo de si mesma (Ct 164). «Esta *intimidade* da criança com sua mãe, da esposa com o Esposo, eis a vida da tua carmelita; a *união* é o seu sol brilhante, ela vê crescer horizontes infinitos» (Ct 209). «A carmelita... acredita no amor que Deus lhe tem... e vive na intimidade com Deus que nela mora» (Ct 236). «A sublime *missão* da carmelita é ser uma humanidade de acréscimo» (Ct 256). «Que a Rainha do Carmelo vos ensina a *adorar* a Jesus num recolhimento profundo» (Ct 136). «A *vocação* da carmelita é a *adoração*» (Ct 219).

«A carmelita é uma alma oferecida
 Uma Imolada à glória de Deus
 Com o seu Cristo, está crucificada.
 Mas o seu calvário, oh! Como ele é luminoso!
 Ao olhar a Vítima divina,
 Brilha na sua alma uma luz.
 E, ao compreender a sua missão sublime,
 O seu coração ferido exclama: “Eis-me aqui”.
 A carmelita é uma alma de adoração
 Toda entregue à acção de Deus
 Através de tudo, grande comungante,
 Com o coração no alto e os olhos cheios do Céu!
 Ela encontrou o Único Necessário,

O Ser Divino, Luz e caridade,
 Envolvendo o mundo com a sua oração,
 Eis que é apóstola em verdade (P 83, 29 de Julho de 1902).

«Uma carmelita é uma alma que olhou para o *Crucificado*, que O viu oferecendo-se como vítima ao Pai pelas almas e, absorva nessa visão da caridade de Cristo, compreendeu a paixão de amor da sua alma, e quis dar-se como Ele... E na montanha do Carmelo, no silêncio e na solidão, numa oração que não tem fim, porque continua em tudo, a carmelita vive já no Céu: “Só de Deus”. Por essa razão, está ávida de silêncio a fim de poder sempre escutar, penetrar sempre mais o seu Ser Infinito...» (Ct 133; 139).

Esta *contemplação do Crucificado por amor* oferecido como vítima ao Pai pelas almas é a meditação da *grande visão* da caridade de Cristo que «nos impele» (2 Co 5, 14) (compreensão da “paixão de amor”) a entregar-nos ao serviço de Deus e dos irmãos. «Se a Trindade é o fim, *Cristo é o caminho*».¹¹ Ser carmelita é «parecer-me mais a Ele» [Cristo]. É uma pintura magistral do ideal da *carmelita: viver na Igreja*, à luz do mistério da Redenção, mistério do amor de Deus por nós (Ef 2, 4-5), a sua *vocação ao amor*, como oferecimento ao Pai (Hb 9, 12) pela salvação das almas (Hb 10, 12-14). Tal como o fez Maria junto da Cruz (Jo 19, 25), também ela se *crucificou* com Cristo (Gl 2, 19-20), até «ao extremo» (Jo 13, 1) pelos homens seus irmãos (Ct 133). É uma espiritualidade trinitária e cristocêntrica: Isabel *penetrou*, pela *contemplação* em fé, no coração de Cristo, Crucificado por amor, polarizado na entrega de amor ao Pai pelos homens, seus irmãos. A Cruz, enquanto mistério de amor, é a *herança* do Carmelo (Ct 207). A *carmelita* (oração) deve ser *apóstolo* (sacrifício): *paixão de amor* a Deus e aos homens (Ct 136). A *vida da carmelita* é uma *vida contemplativa*, outra Maria Madalena que ama tanto o divino Mestre que quer ser uma vítima imolada como Ele. Oração constante (Ct 164). Canta a vida da carmelita (P 91) e conta o segredo da vida no Carmelo (Ct 123).

A carmelita tem a missão de orar interiormente (Ct 206). A carmelita é uma alma *dada* (P 83). A carmelita é um *sacramento* de

¹¹ Soror Isabel, *Palabras Luminosas*, p. 741.

Cristo, o Deus Crucificado todo Amor (NI 14). «Desde a minha querida solidão do Carmelo, quero ser *apostola*: apóstolo, carmelita, é tudo um» (Ct 124). A carmelita deve ser apóstolo (Ct 136; 276). «Oh, que Carmelo! Como nele reina a bela *virtude* tão recomendada pelo Mestre» (Ct 308). A vida da carmelita é uma *vida trinitária* (Ct 246). A *cruz* é a herança do Carmelo (Ct 207). Sentiu-se feliz por *morrer* como carmelita (Ct 278). «Podes ser carmelita de alma» (Ct 136).

O *ideal do Carmelo* vivido e expressado por Isabel da Trindade é a *assimilação*, a *identificação* e a *expressão* do carisma do Carmelo. Isabel deixou-nos o *testemunho* da sua vocação e vida de carmelita.¹² «Parece-me que no Carmelo é tão simples *viver de amor*, de manhã à noite a Regra aí está para nos indicar, instante a instante, a vontade do Santo Deus. Se soubesses *como a amo, a esta Regra* que é a forma na qual Ele me quer santa» (Ct 169, ao cônego Angles, 15 de Julho de 1903).

«Eis toda a vida do *Carmelo*, *viver n'Ele* [um contínuo face a face] em silêncio e solidão (Regra, n. 18), a essência da vida carmelita é o *diálogo* e a *comunhão* com Deus (Lc 2, 19). Viver já *como no céu*, somente *de Deus* (CB 6, 4; 35, 1). «Cada vez mais parece-me um *recanto do céu* (Ct 95). «Aqui não há nada, senão Ele, que é Tudo, Ele basta; é *d'Ele* que unicamente *se vive*» (Ct 91). *Encontra-O* em todas as partes. Vive a age sempre na nossa alma... em tudo se pode *gozar da sua presença* (Ct 145). Encontra a Deus tanto na *oração* como na *barrela* (Ct 139).

A *riqueza interior* da carmelita é Deus, é «habitar *dentro* da sua alma» e «nunca a abandonar» (SI 26 (27) 8-9): interioridade e

¹² «Vous savez si j'aime ma vocation. Il me semble que se Notre Mère me disait: vous êtes indignes de porter le saint habit, et me chassait de l'Ordre, j'entrerais dans une grande joie d'être traitée comme je mérite» (148) (M. da Trindade, *Summ.*, 69). «Senhor cônego, quero ser religiosa» (1). «Damo-nos um ao outro com um amor tão forte que a decisão de Lhe pertencer completamente torna-se em mim ainda mais definitiva» (10). «Pelos 14 anos, numa das minhas comunhões, a palavra Carmelo foi pronunciada na minha alma. Não pensava senão em sepultar-me por trás das grades» (11). «Quando terei a alegria de estar no Carmelo? Mas mamã não quer; esperarei que a minha mãe se resigne» (33). «É para mim um verdadeiro martírio afastar-me do Carmelo» (37). «Isso faz-me mal... a atracção do Carmelo é uma força que nada pode entrar, mesmo o amor que tenho pela minha mãe» (39). «Mergulho nele antecipadamente. Oh! Espero bem sofrer, não vou para o Carmelo senão para isso. Se Deus me poupasse um só dia, temeria que me abandonou. Tenho pressa de ir para o Carmelo para rezar, sofrer, amar» (44) (Cf. M. Germana de Jesus, XXIV Test. Proc. Ord. Dijon, *Summ.*, 128). «O Carmelo é o céu» (50) (cf. Sra M. Catez Cheviguard, I Test. Proc. Ord. Dijon, *Summ.*, 11).

recolhimento. De facto, «levamos o céu dentro de nós... entrega-se-nos pela fé e o mistério... Encontrei o meu céu na terra, pois o Céu é Deus e Deus está na minha alma. O dia que compreendi esta verdade tudo se *iluminou* para mim. Queria revelar este segredo... O meu cenáculo é o amor... toda a minha ocupação é *recolher-me* interiormente (Ct 179), qual discípula de Santa Teresa (CV 28, 9-10), para gozar do Bem substancial – Deus – que possui (UR 28 a). A carmelita é uma alma faminta de *silêncio* para *escutar*, para penetrar no ser Infinito (Ct 131): «quero passar a minha vida a escutar-Vos, quero tornar-me inteiramente dócil ao vosso ensino, a fim de tudo aprender de vós» (NI 15).

II. Isabel da Trindade e Santa Teresa de Jesus

Foi a sua mãe que lhe descobriu os tesouros dos escritos de Santa Teresa, guiando-lhe o coração para outra «Mãe». Em Julho de 1875, Maria Rolland copia nos seus cadernos longas passagens de Teresa que farão a alegria da sua filha ¹³... Isabel recebeu de criança de sua mãe o amor e a devoção a Santa Teresa. Em 1903, escreve a sua mãe: «Oh, pede à nossa santa Madre Teresa que *desde muito pequena me ensinastes a amar*, pede-lhe para que eu seja uma santa carmelita» (Ct 178). Isabel já conhecia aos 11 anos o «*Nada te perturbe*». Já conhecia ao 14 anos o «*Ou sofrer! Ou morrer!*».¹⁴ Estes dois textos são como que os «dois pilares do apego da jovem discípula à sua Mãe espiritual». Isabel copiou no seu caderno pensamentos teresianos. Começou a «amar» (Ct 178) a grande Madre Teresa de Ávila, e a desejar ardentemente tornar-se sua discípula e filha no Carmelo. Teresa, permanecerá, depois da Virgem Maria, a sua mãe e modelo de carmelita por excelência.¹⁵

¹³ Sœur Marie-Michelle, «Présence de Thérèse chez Élisabeth de la Trinité», em *Elisabeth de la Trinité. L'aventure mystique*, Éditions du Carmel, Toulouse, 2006, p. 72.

¹⁴ Santa Teresa de Jesus, *Vida* 40, 20 (cf. *D* 28, 32, 43, 92, 126, 136; *Ct* 207).

¹⁵ C. de Meester, La rencontre d'Elisabeth de la Trinité avec Thérèse de Lisieux, em *Elisabeth de la Trinité. L'aventure mystique*, Éditions du Carmel, Toulouse, 2006, p. 133.

Isabel teve acesso à edição das *Œuvres de sainte Thérèse* do Padre Marcel Bouix, s.j., aparecida em 1857. Em Fevereiro de 1899 lê o *Caminho de Perfeição*, que faz parte do tomo III. Alimenta-se duma Biografia de Santa Teresa, surgida em 1882, durante a celebração do 3º Centenário da morte da Madre e copiou o poema: «Alma busca-te em mim / E a mim busca-me e ti». No seu caderno escolar constam «conselhos práticos» dos «avisos», extractos do *Livro das Fundações*. Há ecos do *Castelo Interior* nos seus textos do Carmelo. Aparecem referências aos *Pensamentos sobre o amor de Deus*. Copia *Orações a Santa Teresa* no seu caderno pessoal.

«Durante dez anos – dos seus onze anos aos 21 anos – a jovem Isabel Catez não cessou de acolher por frases soltas ou por leituras mais assíduas a palavra e o espírito da sua mãe espiritual». ¹⁶

«A Madre Teresa vai ajudar Isabel a compreender o valor da interiorização progressiva da alma em Deus. O encontro tem lugar no mais profundo centro dela mesma. É aí que deve viver o encontro com Deus, no amor. Diz-lhe que a sua oração não deve consistir em “pensar muito mas em amar muito”. Ensinar-lhe-á os graus de oração. Ilumina-a nos momentos em que a alma passa por um momento de obscuridade, de deserto. Além disso, mostra-lhe como Cristo habita nos nossos corações. Convida-a a viver em comunhão com Ele aí dentro, a orar em união com a sua alma, a penetrar no fundo da sua alma para chegar a esse encontro com o divino Esposo. E com Teresa quer ser vítima do amor de Deus». ¹⁷

A vida de oração de Isabel Catez, a partir dos 18 anos, passou a ser bebida nas fontes do Carmelo. Isabel tornou-se *discípula* de Santa Teresa. Isabel, aos catorze anos, exprime a Maria o seu desejo de ser *filha* de Santa Teresa, de ser carmelita. Pressente o Carmelo como uma *vida escondida com Jesus*:

«Com teu Filho, Mãe tão amada,
Quero levar uma vida escondida.
Quero estar no Carmelo,
É o meu desejo eterno!» (P 2, 12 de Agosto de 1894)

¹⁶ Sœur Marie-Michelle, *a. c.*, p. 81.

¹⁷ José Manuel Arribas Suso, «Cristo, camino par ser alabanza de gloria», em *Monte Carmelo 3* (2006), p. 636.

Eis o primeiro eco da máxima de Teresa de Ávila – «ou sofrer ou morrer» – nos escritos de Isabel

«Jesus, de ti a minha alma é ciosa,
Quero ser em breve tua esposa.
Contigo quero sofrer
E para te encontrar morrer» (P 4, 17 de Agosto de 1894)

«Ou sofrer ou morrer» é o dito teresiano mais copiado e repetido por Isabel, embora a santa mais do que «sofrer», deseje «morrer» para ver a Deus: «Senhor, ou morrer ou padecer (sofrer)» (V 40, 20). Isabel deseja «partilhar» o sofrimento de Cristo crucificado, seu Esposo (P 4; 18; 34; 39), partilhar a sua cruz (D 7. 8), a sua dor imensa (P 103). Nos seus escritos, Isabel evoca frequentemente a vida contemplativa das carmelitas. Visitava-as e rezava na capela delas. Durante a missão de Dijon, começou a ler o *Caminho de Perfeição*, emprestado pelas irmãs, que sabiam da sua vontade de ser carmelita.¹⁸ Santa Teresa de Jesus vai conduzi-la à oração contínua na presença de Deus.¹⁹

A 17 de Agosto de 1894, suplica a santa Teresa, que foi carmelita, que os seus desejos sejam atendidos:

«Tu que fostes carmelita,
Feliz alma de elite,
Faz que de Jesus
Os meus desejos sejam ouvidos» (P 6)

Teresa quis, na sua infância, partir para terra de mouros a fim de sofrer o martírio. Isabel quer dizer adeus ao «triste mundo sedutor»:

«Triste mundo sedutor
De espírito falso e mentiroso,
Por Jesus e por Maria
Gosto mais de ser querida.

¹⁸ Oeuvres complètes de Sainte Thérèse traduites par le P. Marcel Buix, S. J., Seconde édition, revue et corrigée, Paris, 1857.

¹⁹ A oração contínua, prolongada em todos os seus actos, isto é, ama sempre (4 M 1, 7; F 5, 2); Regra, n. 8: «velar em oração»; «já só em amar é o seu exercício» (CB 28). A oração contínua é oferecer tudo ao Senhor, tudo é sacramento da comunicação de Deus à alma (Ct 10), o amor dá plenitude à alma (Ct 16), que em tudo descobre o segredo e a ocasião de crescer no amor. Tudo é amor de Deus e tudo é amor a Deus. O contemplativo é um místico que «tudo redime», a saber, oferece tudo ao Pai por amor dos homens. A minha missão é orar ininterruptamente (Ct 97).

Queria dizer-te: adeus
E ser toda para o meu Deus» (P 10, 20 de Agosto de 1894)

«À minha alma encantada
É necessária uma outra vida» (P 13, 15-23 de Setembro de 1894)

Podemos fazer uma ideia da ideia que ela faz do Carmelo aos dezasseis e dezassete anos por meio das suas poesias: *solidão*, fuga de um *mundo efêmero* para um *claustro duro e austero*, adeus aos *prazeres*, e *separação* dos seres queridos *para pertencer* ao Senhor:

«Oh, porque fazer-me languescer?
Gostaria tanto de te pertencer
E viver contigo solitária
Longe dos que amo sobre a terra...
O Senhor chama-me para o Carmelo
A minha alma voa ao seu apelo» (P 29, Agosto de 1896)

Do seu balcão ouve *o doce carrilhão* do *querido mosteiro* a *convidá-la à oração, à salmodia*. Assiste na capela – *um canto dos céus* – à tomada de hábito de uma *humilde e pura carmelita*, no meio *destas almas de elite*. Lembra muitas vezes a *pobreza* delas: o *hábito de burel*, a *capa*, o *rosário de pobres grãos de madeira*, a *pequena cela*, o *pobre quarto minúsculo*, a *querida cama de madeira* (P 31; 33; 38).

Compreendeu muito bem a finalidade da vida carmelita proposta por Santa Teresa às suas filhas. A sua oração de petição passa sobretudo por Santa Teresa de Jesus que recebe no céu as orações que Isabel lhe dirige a fim de entrar no Carmelo. No poema *A Santa Teresa* de Setembro de 1896/1897, Isabel pede-lhe, entre outras coisas, que a «conduza à montanha solitária» do Carmelo para encontrar o Senhor. Isabel deseja fazer a alegria do Bem-amado, consolá-lo do esquecimento dos homens e trabalhar pela sua salvação.

«Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Ó Teresa tão amada por Jesus,
Mística esposa do seu divino Coração,
Conduz-nos à montanha solitária,
Longe dos vãos barulhos da terra,
Longe dos prazeres e das honras.
Lá encontraremos o Senhor.

Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Para salvar o infeliz pecador
Viveremos de sacrifícios,
E encontraremos as nossas delícias
A consolar o Senhor.

Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Aos pés dos santos altares
Do Deus invisível aos mortais
Saborearemos doces graças
Ao derramar abundantes lágrimas.

Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Quando a noite longa e profunda
Envolve o mundo com as suas trevas,
E Jesus está só como na agonia,
No Carmelo vigiamos e rezamos.

Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Quando virá a última hora,
A hora em que se completará a nossa carreira
Está à porta do Céu
Para nos introduzir no Descanso eterno.

Tu que gozas da felicidade celeste,
Que vês brilhar esse dia que não acaba,
Juntas louvaremos um mesmo Deus
E, misturadas com vozes seráficas,
Cantaremos o sublime cântico
Que encanta os habitantes dos Céus» (P 32).

Pede a intercessão de Santa Isabel da Hungria, sua padroeira,
para lhe alcançar a graça de ser carmelita.

«Ó santa Isabel de Hungria,
Gozas da felicidade celeste.

Oh, digna-te na santa Pátria
 Interceder por mim (junto do) Senhor.
 Oh, diz-lhe que ceda ao meu desejo,
 Diz-Lhe que desejo sofrer,
 Diz-Lhe que quero morrer para o mundo,
 Para o seu espírito impuro e imundo.
 Digna-te nos Céus defender a minha causa,
 Obtém-me esta preciosa coisa» (P 42, 19 de Novembro de 1897).

Só será verdadeira filha de Santa Teresa, quando ela mesma ceder à vontade de Deus. Então, Deus cederá à vontade dela. Isto aconteceu por volta dos dezassete anos e cinco meses. É a sua segunda conversão.

Mas Tu não queres nada ainda de mim...
 Quando me poderei dar a Ti?
 Oh, se te agrada ver-me sofrer
 Não atendendo o meu piedoso desejo,
 Que a tua vontade se cumpra
 E seja para sempre bendita.
 O que Tu queres, quero-o também...»

(P 44, 8 de Dezembro de 1897)

Isabel, com o passar do tempo, vai-se desapropriando cada vez mais do seu desejo e da sua vontade e põe toda a sua confiança na divina Providência, abandonando-se toda à vontade de Jesus, tal como Teresa se tinha abandonado totalmente à vontade de Deus (CV 32; Excl 17).

«Tenho na tua divina Providência
 Uma inquebrantável confiança...
 Abandono-me à tua Providência
 Nada alterará a minha confiança...
 Não aspiro, ideal Beleza,
 Senão a fazer sempre a tua vontade»

(P 51, 8-29 de Maio de 1898).

Enquanto aguarda a entrada no Carmelo, aprende a viver como carmelita no mundo, interiorizando a sua vocação: «Posso ser carmelita no interior e quero sê-lo».

Teresa fundou o Carmelo sobre a oração? – «Que eu faça da minha vida uma oração contínua, um longo acto de amor». Quis a clausura para evitar toda a distracção? – «Que nada me possa distrair d’Ele. Que viva no mundo sem ser do mundo». Quis a cela para

favorecer a oração em solidão? – Ofereço-te a cela do meu coração. Que ele seja a tua pequena Betânia; vem repousar nele, amo-te tanto...». Recomendou o silêncio para escutar o «Deus que fala ao coração»? – «Gostaria tanto, ó meu Mestre, de viver contigo no silêncio. Mas do que gosto acima de tudo é fazer a tua vontade» (NI 5; 6). Isabel está preparada. A «vontade de Deus», nome que deseja ter no Céu, faz a ligação entre o Carmelo no interior e o Carmelo de Dijon.

Aos dezoito anos, a sua oração é já claramente mística. Fala das suas primeiras graças místicas, dos seus êxtases e dos seus arroubamentos, após os quais, volta a acese, o combate espiritual para recolher as suas potências na oração. Teresa de Jesus exerce o seu magistério sobre Isabel Catez iluminando com a sua doutrina dos graus de oração e da presença de Deus na alma o momento espiritual do sentimento místico da presença divina na alma de Isabel que se vê retratada nas páginas dela. Isabel tornou-se uma *leitora assídua* de Santa Teresa. A 20 de Fevereiro de 1899 anota no seu *Diário* que está a ler o *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa e o que mais lhe toca o coração é a oração, preparada pela mortificação interior da sua vontade a fim de alcançar a oração contemplativa. Teresa torna-se para ela uma «mestra de vida» no essencial da vida carmelita: a oração, a mortificação interior, a amizade. Isabel assimilou perfeitamente a substância da obra pedagógica da sua Mãe espiritual, que consiste na oração, acompanhada pelo amor de umas às outras (amizade), o desapego de toda a criatura e a verdadeira humildade (CV 4, 3).

«Estou neste momento a ler o *Caminho de Perfeição* da Santa Teresa. *O que me interessa muitíssimo e me faz muito bem.* A Madre Teresa *diz coisas tão boas sobre a oração* e a mortificação interior, mortificação a que, com a ajuda de Deus, quero o mais perfeitamente possível chegar. E porque não posso impor-me grandes sofrimentos por enquanto, ah!, pelo menos, a cada instante do dia posso imolar a minha vontade!... (D 13). Acolhe com entusiasmo os conselhos que Teresa lhe dá sobre a mortificação interior (D 16).

Porém, Isabel fica encantada sobretudo com as páginas teresianas sobre a contemplação mística, na qual a alma se une tão intimamente com Deus que é Deus que passa a viver nela.

«Para quem observar de perto a vida da Irmã Isabel da Trindade, não é temerário afirmar que teve, antes da entrada no Carmelo, uma

certa experiência de um estado de oração mais elevado, conforme o descreveu Santa Teresa de Ávila. Mas não restam dúvidas a esse respeito a partir do momento em que sente a sua alma toda tomada pela Trindade, como escrevia em 1899. Foi ao ler Santa Teresa como tomou consciência das suas primeiras graças místicas, que formam a primeira etapa da sua experiência religiosa». ²⁰ Teresa dá-lhe palavras para ela «reconhecer» os momentos de êxtase em que Deus se tornou «mestre» da sua oração, em que «faz tudo» e a «eleva» acima de tudo.

«A oração – **como gosto da maneira como Santa Teresa** trata deste assunto, quando *fala da contemplação*, deste grau de oração no qual é Deus que faz tudo e no qual nós nada fazemos, em que Ele une a nossa alma tão intimamente consigo, que já não somos mais nós que vivemos, mas Deus que vive em nós, etc., etc. Oh!, **como nele reconheci aqueles momentos de êxtase sublimes** em que o Mestre se dignou elevar-me muitas vezes durante este retiro e depois mais ainda! O que é que Lhe poderei dar por tantos dons?... Depois destes êxtases, destes sublimes arroubamentos durante os quais a alma esquece tudo e não vê senão a Deus, ah *como a oração ordinária parece dura e penosa*, com que pena é preciso trabalhar em reunir todas as suas potências, como isso custa e parece difícil!... (D 14).²¹

²⁰ A segunda etapa da sua experiência religiosa é o descobrimento teológico da presença trinitária, que se desvela antes de entrar no Carmelo de Dijon, graças ao encontro providencial com o P. Vallée, teólogo dominicano, enamorado espiritualmente do mistério da Trindade.

²¹ «Parece ter tido certo conhecimento experimental de um estado de oração mais elevado, tal e como descreve Santa Teresa» (Madre Germana de Jesus, *Souvenirs* 4, 9). «É o encontro de duas experiências místicas que sintonizam profundamente» (Rómulo Cuartas – F. Javier Sancho, *100 fichas sobre Sor Isabel de la Trinidad*, Monte Carmelo, Burgos, 2006, p. 114). «É a experiência pessoal da presença trinitária. A Irmã Isabel sente-se habitada. Experimentou na sua alma o fenómeno místico da presença de Deus. Tem consciência deste acontecimento sobrenatural, mas a sua consciência ainda não está bem esclarecida e definida. Isabel sente esta primeira graça mística aos dezoito anos de idade, durante os exercícios espirituais que fez em Janeiro de 1899 dirigidos pelo P. Chesnay, S. J.» (Cf. Manuel Ordóñez, Sor Isabel, *Obras completas*, p. 35). «Este texto dá a entender que a Irmã Isabel foi favorecida várias vezes com a oração infusa, antes de entrar para o Carmelo. Mas também chama a atenção para uma realidade importante: Deus é livre em dar os Seus dons, e pode, depois de ter concedido uma graça, retirá-la novamente durante longos períodos. Deus age assim para purificar a alma e para experimentar a autenticidade do seu amor. É preciso, então, imitar a atitude da Irmã Isabel e, como ela, voltar muito simplesmente à oração já alcançada, procurando suavemente reconduzir as faculdades àquela contemplação em que a actividade do homem se exerce várias vezes através de um penoso trabalho» (J. Lafrance, *Aprender a rezar com Beata Isabel da Trindade*, 2ª ed., Editorial A. O., Braga, 1989, p. 73).

A leitura do *Caminho de Perfeição* de santa Teresa de Jesus ajuda-a a esclarecer a sua experiência da presença divina: «A Santa descobre-lhe o mistério da comunhão com Deus. A sua leitura fá-la tomar consciência da presença divina. Aquelas páginas são um autêntico reflexo do estado espiritual da sua alma. A sua oração é já totalmente passiva. Isabel coloca-se a partir desse momento na mais pura linha mística teresiana. A sua vida desenvolve-se sob o sinal da interioridade. Entrega-se plenamente à oração, ao recolhimento interior, à vida íntima com Deus. A Madre Maria de Jesus, priora do Carmelo de Dijon, descreve assim o clima espiritual da sua alma: “A sua oração é simples, sem complicações. Lamentava-se de não fazer nada, admirando-se de que Ele fazia tudo».²²

«Não saberia dizer todo o bem que retiro deste livro de santa Teresa, que se dirige entretanto muito particularmente às suas filhas do Carmelo. Ela fala tão bem da amizade» (D 15).

Isabel aprecia também em Santa Teresa de Jesus a relação entre a oração e a amizade, entre a oração e o amor ao próximo. Nos seus propósitos da missão de Dijon, além do amor a Deus, tomou a resolução de cultivar a amizade humana (D 72; 89). Transcreve, em primeiro lugar, um texto de Teresa, no qual fala da amizade espiritual que procura o bem do próximo, anteposto ao interesse pessoal. O coração amoroso de Isabel reconhece-se nas palavras fortes de Teresa que exaltam a amizade espiritual na qual não entra a busca de si mesmo.

«Oh, que verdadeira e perfeita amizade a de uma pessoa ou de uma religiosa que trabalha para o bem espiritual do seu próximo preferindo os seus interesses aos seus próprios. Uma tal amizade vale mil vezes mais do que aquela que poderíamos testemunhar no mundo com todas as palavras de ternura que de modo nenhum usamos entre nós. Quanto a vós, minhas filhas, diz santa Teresa, reservai essas palavras para o vosso Esposo, pois não-de estar tanto tempo com Ele, e tão a sós com Ele! Não vos sirvais delas senão nos momentos em que falais com Ele!» (CV 7, 8).

No segundo texto refere o amor do próximo que nasce da raiz do amor a Deus. Teresa espera que este amor nasça no coração de todos.

²² Madre Germana de Jesus, *Souvenirs*, c. 4, p. 54 (Cf. *Obras*, p. 36).

Cita o *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa, com algumas omissões, mas extrapolando do contexto teresiano religioso para o contexto isabelino laical.

«Ah, diz ainda santa Teresa, se acreditamos que as almas que se consagraram a Deus não sabem amar senão a Deus, desenganemo-nos! Amam também o próximo, e com um amor maior ainda, mais forte, mais verdadeiro, com mais paixão ainda do que os outros. Enfim, é a esta maneira de amar que pertence o nome de amor e não àquelas baixas afeições da terra. Porque quando estas almas amam a uma pessoa, procuram levá-la a amar a Deus a fim de ser amada por Deus. Sabe que se a caridade divina não estiver nela, a morte deve quebrar o laço que as une» (CV 6, 7-9).

Isabel confia a sua vivência imperfeita do amor ao próximo, cumulada agora pela nova capacidade de amar que recebe de Jesus.

«Ó meu Jesus, sim, sinto-o, amei demasiado as criaturas, dei-me demasiado a elas, e desejei bastante o seu amor. Ou antes não soube amar, amar divinamente! Mas agora, sinto-o, não tenho senão a vós, e sobretudo, Bem-Amado do meu coração, não quero ser amada senão por vós» (D 15).

A leitura de Teresa parece revelar a Isabel um Rosto de Deus até aqui envolvido de silêncio: o do *Pai*. É pela influência manifesta da *Madre* que aparece pela primeira vez nos seus escritos o nome do *Pai*. Teresa fá-la descobrir não apenas o Pai eterno de Jesus, mas também o seu pai adoptivo, São José, que alimenta nela a chama missionária, a oração pelo Sr. Chapuis (D 17). Até o nome de «Mestre», tantas vezes usado por Isabel para nomear a Jesus, sofre a influência do *Caminho de Perfeição* (26 vezes), na tradução do Padre Bouix (130 vezes), que, por sua vez, remete para a atitude de Maria Madalena aos pés de Jesus, admirável figura de discípulo.

Teresa ajudou Isabel a viver no quotidiano a oração mais ordinária que é um *colóquio* de amor, um *comércio* de amizade, conforme canta e conta no seu retiro de 24 a 29 de Janeiro de 1899 (P 66). As palavras da Mãe habitam já o coração da filha: o Hóspede divino, consolar, mãos à obra, encanto, união.

«Teresa de Ávila é, sem dúvida alguma, para a postulante a Mãe e o modelo das carmelitas; e para ela continuará a ser sempre isso. Mas as imagens das duas Teresas, com o mesmo nome e com o mesmo hábito, fundem-se, por assim dizer: a imagem da *grande* Teresa sobrepõe-se à da *pequena* Teresa, sem a encobrir inteiramente. Isabel lê e relê a vida e a morte de amor da grande Teresa, e compreende-as melhor através da experiência da pequena Teresa. Teresa de Ávila torna-se mais acessível e imitável pelo “pequeno caminho” da carmelita de Lisieux praticado nas pequenas circunstâncias da vida quotidiana».²³

Isabel entrou no Carmelo de Dijon a 2 de Agosto de 1901. O sonho tornou-se realidade e a realidade ultrapassou o seu sonho. Depois de ter vivido o Carmelo *no interior*, vive agora *no interior* do Carmelo. A sua felicidade extravasa os muros do Carmelo (Ct 84; 86; 87; 90). Uma vez no Carmelo, a sua vida é modelada pela da Santa. Teresa oferece-lhe, não só uma palavra de vida, mas um meio de vida, uma vida fraterna, alimentada pela oração e orientada para a glória de Deus e a salvação dos homens (CV 13, 7). Como postulante, respondeu a um questionário:

- «P. Quanto a vós, qual é o ideal de santidade? – Viver de amor.
- P. Qual é o meio mais rápido de o conseguir? – R. Fazer-nos pequeninas e entregar-nos para sempre» (NI 12, 9 de Agosto de 1901).

Isabel cita a primeira antífona das primeiras vésperas de santa Teresa de Ávila, reconhecida pela Igreja como autêntica *sponsa Christi* no Carmelo: «“Ser esposa”, esposa do Carmelo, é ter o coração incendiado de Elias, *o coração trespassado de Teresa*, a sua “autêntica esposa”, porque zela a sua honra» (NI 13, meados de 1902). Isabel fez a sua profissão religiosa a 11 de Janeiro de 1903.

«Desde a minha última carta, quantas coisas se passaram! A Igreja fez-me escutar o “Vem, Esposa de Cristo”, consagrou-me

²³ C. de Meester, «*Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon*», em Monte Carmelo, Burgos, 1984, p. 182.

e agora, tudo está consumado, ou antes, tudo começa, porque a profissão é apenas uma aurora, mais luminosa, mais envolta em paz e amor. *Gostaria tanto de O amar como a minha seráfica Mãe Santa Teresa, até morrer de amor.* A minha ambição é ser presa do amor...» (Ct 169, 15 de Julho de 1903).

A primeira página do «quarto caderno» (D 92) e do «quinto caderno» (D 136) do *Diário* leva em *exergo*, em 1890-1900, os célebres textos da reformadora do Carmelo – «*só Deus basta...*» (cf. Ct 95; 218); «ou sofrer ou morrer», tirado da imagem de Santa Teresa que ela recebeu de Maria de Jesus, prioresa do Carmelo de Dijon, a 19 de Abril de 1891, no dia da sua primeira comunhão, e que usava como marcador no seu breviário –, o que revela a presença da *Madre* nas ambições espirituais de Isabel.²⁴ A expressão «vítima de holocausto», da NI 4, é evidentemente de fonte teresiana; provêm da mesma fonte os ecos teresianos da NI 5, na qual Isabel apresenta o seu ideal contemplativo no mundo.²⁵ A imagem de Teresa permanece no espírito de Isabel e acompanha-a no seu diário de juventude.

«No *Diário* aparecem textos célebres de Teresa de Ávila, como o repetido «morrer ou padecer». Mas nas *Notas íntimas* e nas *Cartas* são mais frequentes as referências a Teresa de Lisieux. “Sim, sejamos vítimas de amor, mártires de amor – isto sim que seria bom –, e depois *morrer de amor*, como a nossa santa Madre Teresa...” (Ct 47).²⁶ A expressão “vítima de amor”, “*charitatis victima*”, da liturgia da festa de santa Teresa usa-a também santa Teresinha na sua *História de uma Alma* (A 84 r). Contudo, Isabel bebe a expressão «vítima» de «holocausto» nos cadernos da sua mãe. Mas Isabel dá-lhe uma nova cor acrescentando a metáfora da “presa”: “É tão belo ser suas, totalmente suas, suas presas, suas vítimas de amor...” (Ct 54).²⁷

De Teresa – especialmente do livro das *Moradas* – recebe a experiência e a doutrina da «alma como morada de Deus»: «a alma é como um cristal no qual se reflecte a Divindade» (Ct 136). «Enfim,

²⁴ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 149.

²⁵ *Ibid.*, p. 150.

²⁶ Este estribilho «morrer de amor» é muito repetido por Isabel (Cf. Ct 136, 169, 179, 275, 287, 299, 324; NI 12).

²⁷ Ciro García, *Isabel de la Trinidad. Experiencia de Dios en su vida y escritos*, Monte Carmelo, Burgos, 2006, p. 112.

onde está Deus, é o céu» (CV 28, 2). De Teresa – do *Caminho de Perfeição* – vem-lhe a experiência e doutrina de que temos «o céu na nossa alma»: «Este Céu está muito perto: “Onde está o Rei, está também a sua corte”, dizia a nossa santa Madre Teresa...» (Ct 192).

O simbolismo do cristal é uma influência claramente teresiana (1M 1, 1) e sanjoanina (CH 1, 13).

«Santa Teresa diz que *a alma é como um cristal no qual se reflecte a Divindade. Gosto tanto desta comparação* e, quando vejo o sol invadir os nossos claustros com os seus raios, penso que Deus invade assim a alma que O procura! Escute o que diz São João da Cruz: “Oh, pois, alma formosíssima entre todas as criaturas, que tanto desejas saber o lugar aonde está o teu Amado, a fim de O buscares e de te unires com Ele, tu mesma és o aposento onde Ele mora, o canto e esconderijo onde está escondido”. Eis toda a vida do Carmelo, viver n’Ele; então, todos os sacrifícios, todas as imolações se tornam divinas, a alma através de tudo vê aquele que nela habita e tudo a conduz a Ele: é um contínuo coração a coração! Como vê, pela alma, já pode ser carmelita. Ame o silêncio, a oração, porque é a essência da vida do Carmelo. Peço à Rainha do Carmelo para lhe ensinar a adorar a Jesus num recolhimento profundo...» (Ct 136 a Germana de Gemeaux, 14 de Setembro de 1902).

É ajudada por *Santa Teresa de Jesus* – «reconheci nestas páginas os momentos de êxtases sublimes que o Senhor se dignou outorgar-me» (D 13) – no que diz respeito a esta presença de Deus na alma (5M 2); e ao lugar da Sua presença no *céu da alma* (CV 28, 2. 5). «Que agradável esta presença de Deus! É lá, bem no fundo, no *Céu da minha alma*, que gosto de O encontrar pois Deus nunca me abandona. “Deus em mim, eu n’Ele”, oh! é a minha vida» (Ct 62, ao cônego Angles, 14 de Junho de 1901).

«Levamos o nosso Céu em nós porque Aquele que sacia os glorificados na luz da visão se dá a nós na fé e no mistério, é o Mesmo! Parece-me que encontrei o meu Céu sobre a terra pois *o Céu é Deus, e Deus, é a minha alma*. No dia em que compreendi isto, tudo se iluminou em mim e queria dizer este segredo baixinho àqueles que amo afim de que eles também, através de tudo, adiram sempre a Deus e se realize esta oração de Cristo:

“Pai, que eles sejam consumados na Unidade”! (Ct 122, à senhora de Sourdon, 15 de Junho de 1902).²⁸

No Carmelo, respira um clima espiritual da presença de Deus (Ct 89). Vive esta presença divina na sua vocação de «louvor de glória» (UR 6). É preciso que sejamos santos e imaculados na Sua presença» (Ef 1, 5) para que Deus «possa reflectir em nós a sua imagem (CF 24), pois somos um «abismo sem fundo» de capacidade infinita para receber tudo o que Deus é e tem (CF 42).

Esta descoberta do céu na terra, do céu na alma, a partir de Teresa de Jesus, é o ponto de partida da sua espiritualidade de «louvor de glória». ²⁹ Se no céu os bem-aventurados cantam a glória de Deus, na terra, Isabel canta a glória de Deus no céu da sua alma (CF 44).

A espiritualidade da irmã Isabel da Trindade caracteriza-se por ser a *espiritualidade de uma Presença* – uma «história de amor» que dá unidade a toda a vida de Isabel vivida desde Deus e para Deus –, e por ser uma *espiritualidade de interiorização*.³⁰ É no momento histórico da passagem da adolescência para a juventude que tem a experiência do *sentimento místico da presença* de Deus na sua alma, que lhe produz *admiração e surpresa* por «estar habitada»: «Parece-me que Ele está aqui!».³¹

O *sentimento místico da Presença* é, em Isabel, uma *experiência mística da Presença trinitária*. A sua espiritualidade trinitária teve, evidentemente, o seu início (o seu *ponto de partida*) na *inhabitação da Trindade* na sua alma: «A Trindade, eis a nossa morada» (CF 2). Além disso, a sua espiritualidade trinitária é uma espiritualidade de interiorização, claramente teresiano-sanjoanina, pois viveu dentro de si esta presença de Deus: «viver no seio da tranquila Trindade, no meu abismo interior» (UR 43). «Há um Ser, que é Amor, e nos convida a

²⁸ A terceira etapa dar-se-á já no Carmelo, em 1902, quando descobre: «Encontrei o meu céu na terra, pois o céu é Deus e Deus está na minha alma» (Ct 122). Ressoam neste texto as palavras de Santa Teresa de Jesus, Caminho de perfeição, 28, 1-2. Esta descoberta dará origem ao seu tratado espiritual O Céu na fé.

²⁹ A. Aparício, a . c., p. 153. Por fim, a quarta etapa é a descoberta, ao ler São Paulo, da sua vocação de «louvor de glória», em 1904, dois anos dantes da sua morte. É o vértice da sua oração contemplativa e da sua vocação trinitária.

³⁰ Alfonso Aparício, «*Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo*», pp. 147 ss.

³¹ Madre Germana de Jesus, *Souvenirs*, c. 4, p. 54.

viver em comunhão com Ele» (Ct 327). Isabel viveu a *imagem de Deus* impressa na sua alma (CF 25). Neste programa de vida, fundado na imagem de Deus, que somos, vive o processo de purificação sanjoanina na sua inteligência, na sua vontade e na sua memória (CF 25). Somos *criados*, pela Santíssima Trindade, à imagem de Deus (CF 22), para *sermos louvor de glória da Santíssima Trindade*. É o seu ponto de vista pessoal e original do homem, criado à imagem de Deus para reflectir as perfeições de Deus e se transformar em Louvor de glória da Santíssima Trindade. A Trindade é também a *meta de chegada* do seu processo espiritual de santificação: na *união transformante* (UR 21; 19; cf. 4; 13), que ela enfoca desde o louvor de glória.³² Os toques divinos (CF 27), a ferida de amor;³³ a presença da Trindade a celebrar o seu conselho divino no interior da sua alma;³⁴ o conhecimento por «conaturalidade» do mistério trinitário de Deus («O que Ele me ensina sem palavras no fundo da alma é inefável. Ele ilumina tudo»;³⁵ indiciam a sua união transformante.

Na união transformante segue também a São João da Cruz, no seu *Cântico e Chama* (Ct 185), dando-lhe uma dimensão pessoal: a sua união transformante não consiste no gozo da presença da Trindade no céu da sua alma (como na mística teresiana-sanjoanina), mas no louvor de glória que se dá à Santíssima Trindade, visto a sua alma ser um reflexo esplendoroso do ser de Deus e das suas infinitas perfeições. Isabel deseja ser transformada em imagem que glorifique a Deus, em “pura transparência” de Deus.

«Oh! Então, colocai-me no cálice para que a minha alma seja toda ela banhada nesse sangue do meu Cristo de que estou sedenta! Para poder *ser pura, toda transparente e a Trindade*

³² «A sua vivência e a sua doutrina trinitárias estão na linha da tradição espiritual carmelita. A intimidade com as Três Pessoas divinas nos estados espirituais mais elevados constitui o núcleo do magistério de Teresa de Jesus e de João da Cruz. A Irmã Isabel acode ao seu magistério em busca de iluminação orientadora da sua experiência pessoal, mas o mais característico deste momento da sua vida é a perspectiva de Louvor de glória que ela dá à experiência mística da sua união transformante. A doutrina tradicional teresiano-sanjoanina adquire assim uma dimensão nova» (Alfonso Aparício, *a. c.*, pp. 155-156).

³³ Sor Isabel, *Obras completas, Palabras luminosas*, Editorial Monte Carmelo, Burgos, 1984, p. 740.

³⁴ *Ibid.*, p. 736.

³⁵ *Ibid.*, p. 730.

possa reflectir-se em mim como num cristal. Ele gosta tanto de se contemplar numa alma, isso atrai-o a dar-se ainda mais, a vir mais profundamente operar o grande mistério do amor e da unidade!» (Ct 131, ao cónego Angles).

Para isso, teve que aprender a viver e a agir já ao estilo dos bem-aventurados (UR 7). Daí que o tempo seja para ela, «a eternidade começada, sempre em progresso» (UR 1), e que exista uma in habitação da alma na Trindade (CF 22), onde somente canta a glória do Eterno (UR 17). É no «centro místico» da alma que se dá o encontro com Deus, isto é, no «abismo da alma», no «fundo do nosso santuário» (Ruysbroec), na «substância da alma» ou «centro da alma» (São João da Cruz) (CF 5. 6. 21). Deus sente-se glorificado ao contemplar na alma de Isabel a imagem do seu Ser e das suas perfeições.

Isabel da Trindade, perante o ateísmo moderno, é «a Santa da Presença de Deus» pela sua *fidelidade* à *graça* de *intimidade* e receptividade da acção criadora e santificante de Deus. Da fidelidade à Presença nasce a grandeza da sua vida e a sua *fé na presença de Deus* é o seu *testamento* espiritual para todos os que amou neste mundo.³⁶

Isabel da Trindade fala do «esquecimento de si mesmo» (“oubli de soi”) (NI 15; Ct 349). É uma digna representante do «humanismo teresiano» da santidade como afabilidade no trato e na comunicação. Ela tem um rosto fraterno, possui o espírito do «humanismo teresiano», o espírito de atenção, de serviço, de alegria, tanto na vida laical como na vida comunitária. Mantém um óptimo relacionamento com a sua Madre Germana: «Se soubesse que Madre tenho ao meu lado! Uma verdadeira mãe; o seu coração encerra as ternuras e as delicadezas que só os corações maternos conhecem. Quanto às minhas enfermeiras, rivalizam na caridade. Que Carmelo!» (Ct 268). «O esquecer-se de si mesma, em atenção aos outros, vinha a ser nela uma espécie de segunda natureza» (R 6, 12). No Carmelo sabe-se amar com o coração dilatado e purificado (Ct 90; 290; 36). Isabel é amável e serviçal com sentido de comunhão.

«Durante os cinco anos da sua vida religiosa nunca a vi, nem sequer um dia, menos amável, mesmo durante o período no qual

³⁶ Alfonso Aparício, *a. c.*, p. 149.

sofria muito moralmente, coisa rara numa noviça. Testemunho também que a vi igualmente amável com todas as suas irmãs, sem que nos pudéssemos dar conta das suas preferências ou simpatias... Como subpriora, sendo responsável de distribuir cada semana os ofícios domésticos, pude constatar como era um verdadeiro tesouro para a comunidade, um desses sujeitos aos quais se lhes pode pedir todos os serviços, com a certeza de lhe causar alegria... Confirmando que teve para com as suas irmãs as mais delicadas atenções, mesmo no meio dos seus sofrimentos mais fortes».³⁷

Isabel é uma alma apostólica como as queria Santa Teresa de Jesus, que fundou o novo Carmelo com uma finalidade apostólica e eclesial, isto é, «para servir a Deus e à Igreja» (Ct 297). «Demos-Lhe almas. A nossa Madre santa Teresa quer que as suas filhas sejam apóstolos. É tão simples! O divino Adorador mora em nós. A sua oração é também nossa. Ofereçamo-la. Vivamos em comunhão com ela. Oremos com a sua alma» (Ct 179). Isabel ora pela Igreja (Ct 191), pela França (Ct 225; 256), pela diocese (Ct 191). Exerce o «apostolado do sofrimento» (Ct 259). Deseja ser apóstolo com Teresa de Ávila: «O meu Mestre é tão bom!... Parece que só pensa em mim e que sou o seu único amor. Dá-se tanto à minha alma!... Fá-lo assim para que eu, por minha vez, me entregue a Ele pela sua Igreja, pelos seus interesses, e para que *seguindo o exemplo da minha Madre Santa Teresa*, o meu coração arda de zelo pela sua honra» (Ct 275). «Como verdadeira filha de Santa Teresa, desejo ser apóstolo, para glorificar Aquele a quem tanto amo» (Ct 276).

Isabel ora pelo *noviço carmelita* Frei Bernardo Maria da Cruz, que fez o seu noviciado em Taggia (Itália) e escreve-lhe uma carta na qual sintetiza o carisma carmelitano-teresiano em treze pontos: 1) A identidade de vocação. 2) O seguimento dos passos dos antepassados

³⁷ SECRETARIUS PRO MONIALIBUS, *Ser carmelita con la Beata Isabel de la Trinidad*, Roma, pp. 40-41. «Carmelita de alta qualidade, a Madre Germana tem o dom de observar a regra de ouro escrita por Teresa de Ávila a uma priora: “procure ser amada para ser obedecida”. Sob a direcção de Germana, o Carmelo de Dijon é uma comunidade fervorosa e feliz. Isabel contribui para manter este clima: é serviçal, ama as suas irmãs e é amada por elas» (37). Com palavras da Madre Germana, concluímos o resumo da sua vida: «Deste modo se ia extinguindo aquela vida repleta de amor, cuja íntima fisionomia poderia ficar plasmada naquela sentença evangélica na qual Jesus condensou o elogio a Madalena: Amou muito (Lc 7, 47)» (Madre Germana de Jesus, *Souvenirs*, c. 16, 23).

gloriosos da Ordem. 3) A convocação para o louvor de glória. 4) A presença de Elias – presença de Deus (1 Rs 19, 20). 5) O espírito de imolação com o Crucificado. 6) Deus elege-nos para a glória (Ef 1, 4). 7) A herança de Elias: *viver na presença de Deus* (1 Rs 17, 1). 8) O dom da oração: a *essência da vida* do Carmelo. 9) O *Cântico* e a *Chama* são as delícias de um / uma *carmelita*. 10) A presença de Maria: a Virgem abnegada e orante e o espírito de oração e de penitência. 11) O espírito de sacrifício: o amor ao sofrimento. 12) A fidelidade à Regra: o amor a Deus, o amor à Regra. 13) O serviço apostólico: santos «capazes de servir a Deus e à sua Igreja»: «Peço ao Mestre que faça de ti uma esposa segundo o seu Coração, uma dessas almas com as queria a nossa santa Madre Teresa, que *pudessem servir a Deus e a sua Igreja*, inteiramente apaixonada pela sua glória e pelos seus interesses» (Ct 299).

Nos últimos tempos da sua doença, totalmente esgotada, gritará, depois de uma violenta crise, o seu desejo missionário: «Oh! Amor! Amor! Sabes quanto te amo, quanto desejo contemplar-te; conheces também quanto sofro. No entanto, estou disposta, se assim o desejas, a continuar trinta ou quarenta anos... Esgota toda a minha substância para tua glória; que se destile gota a gota para a tua Igreja».³⁸

Isabel aprendeu bem o amor e a fidelidade à Igreja da sua Madre Teresa de Ávila que, no leito de morte, se chamava a si mesma «filha da Igreja»³⁹ e da sua irmã Teresa de Lisieux, que se dizia «coração da Igreja» (B 3 v).

Isabel recebeu a herança apostólica que Santa Teresa de Jesus deixou às suas irmãs carmelitas (CV 3, 10) e vivificou-a com toda a generosidade do seu coração, reflectindo o rosto de Cristo, deu glória ao Pai e colaborou na obra da salvação. Esquecida de si, entrega-se pela Igreja e pelos seus irmãos. Está convencida que a santidade dos sacerdotes depende a salvação das almas e a glória da Trindade. Têm um ideal de santidade, um programa de vida espiritual, e o Senhor tem necessidade deles para se dar às almas (Ct 202).

³⁸ Madre Germana de Jesus, *Souvenirs*, c. 17. 16.

³⁹ *BMC* 18, p. 89. 105.

III. Isabel da Trindade e São João da Cruz

Qual foi a influência real de São João da Cruz sobre Isabel da Trindade? É muito difícil de precisar. Isabel, citando João da Cruz, lembra que «a alma deve manter-se no silêncio e na solidão absoluta para que o Altíssimo possa realizar os seus desejos nela» (Ct 231). Que acesso teve Isabel às obras do Santo? Que leituras fez da sua obra?

«Isabel encontra no *Cântico Espiritual* e na *Chama de amor viva* as palavras que lhe vão servir para se dizer a si mesma, e dizer aos outros, o que lhe acontece... Contudo, nem a sua formação de base, nem o hábitos do Carmelo de Dijon integravam de um modo significativo a obra de João».⁴⁰

João e Isabel escolheram viver com “os olhos nos olhos” do Grande Presente e as suas vidas decorreram nos olhares de amor, claros e velados, nos quais se condensa a sua relação com Deus, nessa “atenção amorosa” cantada por São João da Cruz. Isabel admirava com um olhar de amor o seu mestre espiritual São João da Cruz, pai da sua ordem reformada do Carmelo, do qual tanto recebeu. Vizinha das carmelitas, a jovem de Dijon, festejava-o cada ano ao ritmo da liturgia. Aspirante ao Carmelo, e com sede de absoluto, lia os sermões do Padre Vallée às carmelitas de Caen. E estas páginas que desejavam captar a chama do Príncipe dos místicos despertaram em Isabel Catez o desejo de ler aquele que ela chamará em breve no Carmelo o seu «bem-aventurado Pai» (Ct 185).

«No seu caminho espiritual São João da Cruz vai iluminá-la no processo de transformação da alma em Deus. O santo vai dizer-lhe que Deus está no centro da alma, que o caminho para chegar a esse centro é o caminho da fé; a fé são os pés para caminhar para Deus. Para chegar a esse centro onde Deus habita é necessário percorrer o caminho da Cruz que supõe sofrimento, negar os desejos e as inclinações, o desapego de tudo aquilo que não é Deus, a negação de si mesma para

⁴⁰ Max Huot Longchamp, Élisabeth de la Trinité, Letrice de Jean de la Croix, em *Elisabeth de la Trinité. L'aventure mystique*, Éditions du Carmel, Toulouse, 2006, pp. 113-114.

entrar pelo caminho estreito do nada. Este cainho é o da negação de tudo e o padecer por Cristo. Tornar a nossa alma semelhante à de Cristo. Inspirando-se na *Chama de amor viva*, afirma que esse caminho para o encontro com Deus no nosso mais profundo centro é um encontro de amor porque só o amor une e liga com Deus. Quando a alma, conforme a força do seu ser e dos seus actos, conheça perfeitamente a Deus, o ame e goze com Ele plena e inteiramente terá chegado ao mais profundo centro que pode alcançar. É o Espírito Santo quem continuamente opera no interior das almas para as levar à união com o Deus amor. Isabel apoiando-se em João da Cruz ressalta a importância do silêncio interior que arranca as almas das suas trivialidades, do seu abaixamento para se elevar para o cume onde se realizará o encontro com Deus. É necessário o silêncio da imaginação e das outras potências da alma, porque levamos connosco por todo o lado todo um mundo interior de sensações e impressões que a cada instante ameaça com voltar a apoderar-se de nós». ⁴¹

«Esta contemplativa, de quem se quer fazer uma teóloga, é, antes de tudo, filha de São João da Cruz. A sua contemplação alimenta-se da fé e do silêncio... Por isso, a Irmã Isabel não sente a necessidade de cultura teológica. O Padre Vallée deu-lhe tudo, disse a Irmã Isabel, no dia em que lhe revelou o dogma da inhabitação divina...». ⁴²

Sabemos em primeiro lugar que Isabel não leu verdadeiramente o «seu bem-aventurado Pai» (Ct 185) senão a partir de Fevereiro de 1902. Tem então vinte e dois anos. Encontra-se há seis meses no Carmelo, mas viveu já no mundo uma riquíssima experiência espiritual.

Antes da sua entrada no convento, quer ser «*carmelita por dentro*». Conhecia a Teresa de Ávila e a João da Cruz dos quais lhe fala sobretudo a Madre Maria de Jesus, a priora do Carmelo de Dijon, com a qual mantém longas conversas no locutório. Leu e apreciou a *História de uma Alma* de Teresa do Menino Jesus que dizia: «Ah! Quantas luzes não bebi nas obras do nosso Pai São João da Cruz!... Na idade de dezassete e dezoito anos, não tinha outro alimento espiritual» (A 83 r).

⁴¹ José Manuel Arribas Suso, «*Cristo, camino par ser alabanza de gloria*», pp. 636-637.

⁴² P. Maria Eugénio, *Quiero ver a Dios*, EDE, Madrid, 2002, pp. 514-515.

Sem dúvida que leu também os sermões pregados no Carmelo de Caen pelo Padre Vallée, o célebre dominicano, por ocasião do terceiro centenário da morte de São João da Cruz.⁴³ É uma boa apresentação – num estilo oratório – da sua vida e da sua doutrina.

Não é de admirar então que se encontre, no diário, nas poesias e nas cartas de juventude de Isabel, um grande número de temas carmelitanos queridos a São João da Cruz. É verdade que o dia 3 de Fevereiro de 1902 é uma data charneira na relação de Isabel com São João da Cruz. Nesse dia, Isabel recebeu, da sua amiga a senhora de Bobet, o quarto volume das obras completas de São João da Cruz na tradução das carmelitas de Paris.⁴⁴ Escreve-lhe no dia 10 de Fevereiro de 1902: «Não sei como vos agradecer, mimaste-me de tal maneira; se soubesses que contentamento me destes! Desejava tanto este belo *Cântico* de São João da Cruz» (Ct 106). Este quarto volume contém o *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva*. Isabel não leu senão o *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva*, que cita muitas vezes, mas viveu, sem os ter lido, a *Subida do Monte Carmelo* e a *Noite escura*.⁴⁵ Sabemos que este quarto volume foi um dos livros que Isabel guardou à sua disposição na cela.⁴⁶

A partir da sua tomada de hábito – 8 de Dezembro de 1901 – começa a passar a noite escura de que fala São João da Cruz, que se prolonga até à sua Profissão Religiosa a 4 de Janeiro de 1903, conforme declara a Madre Germana de Jesus. Provação que, apesar de muito dolorosa para a serva de Deus, habituada a sentir-se cheia da graça e da presença de Deus e do ardor do fogo divino, foi superada com grande virtude e com muito penitência corporal.

⁴³ P. Vallée, *Saint-Jean de la Croix, sa vie, sa doctrine. Sermons donnés au carmel de Caen, les 22, 23, 24 novembre 1891 à l'occasion du troisième centenaire du saint*, Lethielleux, 1892.

⁴⁴ Trata-se do tomo IV da *Vie et Œuvres spirituelles de Jean de la Croix*, tradução nova das carmelitas de Paris, segundo a edição de Sevilha de 1702, 3ª edição, Paris (H. Oudin, 1892).

⁴⁵ Jean Rémy, *Regards d'amour. Elisabeth de la Trinité et Jean de la Croix*, Ed, du Cerf, Paris, 1993, p. 155. «Antes da sua entrada no Carmelo, Isabel tinha recebido como presente das suas amigas Rostang o tomo III da mesma colecção das obras de São João da Cruz, que contém o 3º livro da Subida do Monte Carmelo e a Noite Escura. No final da sua vida, outra amiga, a senhora Hallo, oferece-lhe como presente as Máximas. Na sua carta de agradecimento, Isabel afirma que «fazem as delícias da sua alma» (Ct 289). Contudo, não há traços deste dois volumes nos escritos de Isabel» (Max Huot Longchamp, *a. c.*, p. 114, n. 3).

⁴⁶ Max Huot Longchamp, *a. c.*, p. 113. Levou quatro anos a ler uma primeira vez estas duas obras (*Ibid.*, p. 114).

A partir de Fevereiro de 1902, João da Cruz ajudou Isabel a aprofundar a sua fé, a penetrar sempre mais no mistério da Trindade, que era a fonte e o objectivo da sua vida espiritual. Em carta à Irmã Inês de Jesus Maria, de 11 de Junho de 1902, afirma, citando, pela primeira vez, a São João da Cruz – «o Amor estabelece a Unidade» (CB 36, 1) –, que Deus exige delas «o Amor que não olha mais para si... O Amor que se dá, que se entrega, o Amor “que *estabelece a Unidade*”» (Ct 121). Neste caso, João da Cruz influenciou Isabel. Ela encontrou nele a confirmação do que já vivia. Nas páginas de Isabel afloram ideias sanjoaninas: o silêncio, a adoração, o deixar-se introduzir no mistério de Cristo e viver d’Ele pelo sacrifício e a imolação.

A 30 de Março de 1902 usa a expressão sanjoanina «um não sei quê» na P 77, bem como as imagens «ninho» e da «chama purificadora», e os temas da ferida de amor e do olhar transformador, que provêm do *Cântico* e da *Chama*. A 28 de Novembro de 1903, Isabel retomou a leitura do Santo por ocasião da festa de São João da Cruz – naquele tempo a 24 de Novembro – e desenvolve o tema sanjoanino do «Amor que estabelece a Unidade» (CB 36).

«Tal como diz São João da Cruz no seu *Cântico*: “A rola encontrou nas margens verdejantes o seu companheiro tão desejado!” (CB 34). Sim, eu encontrei-O. Aquele que a minha alma ama, esse Único Necessário que ninguém me pode tirar. Oh! Como Ele é belo; quereria tornar-me silenciosa, toda adoração, a fim de cada vez mais penetrar n’Ele e de ficar tão cheia d’Ele a ponto de O dar pela oração a essas pobres almas que ignoram o dom de Deus. Oh! Então, colocai-me no cálice para que a minha alma seja toda ela banhada nesse sangue do meu Cristo de que estou sedenta! Para poder ser pura, toda transparente e a Trindade possa reflectir-se em mim como num cristal. Ele gosta tanto de se contemplar numa alma, isso atrai-o a dar-se ainda mais, a vir mais profundamente operar o grande mistério do amor e da unidade! Pedi a Deus que eu viva plenamente a minha vida de carmelita, de noiva de Cristo, porque isso encerra uniões tão profundas! Porque me teria Ele amado tanto? Sinto-me tão pequena, tão cheia de miséria, mas amo-O, só isso eu sei, amo-O com o seu próprio amor, é uma dupla corrente entre Aquele que é e aquela que não é!» (Ct 131, ao cônego Angles, 2 de Agosto de 1902).

«O *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva* foram a leitura preferida da Irmã Isabel da Trindade durante o período da

sua união transformante. Mais ainda, ela fez uma selecção de textos do *Cântico* e uma ficha sintética das principais ideias doutrinárias da *Chama* onde São João da Cruz expõe a sua experiência e a sua doutrina sobre estes estados místicos. Esses textos e essa ficha, além de ser um reflexo da alma da Irmã Isabel, são um reclame das páginas iluminadoras de São João da Cruz, que orientaram a sua vida nessa situação privilegiada da sua existência (cf. Ct 274).⁴⁷

«Desejei tanto este belo *Cântico* de São João da Cruz», confessa a noviça quando lhe ofereceram o volume (Ct 106). A 14 de Setembro de 1902 exprime a sua admiração pelo Doutor Místico porque João «foi tão longe nas profundidades da Divindade» (Ct 136). Um ano antes da sua morte, esquecendo no seu entusiasmo um pouco «São Paulo, o seu querido santo» (Ct 306), Isabel diz que «João da Cruz é todo o alimento da [sua] alma» (Ct 241) e que, já na enfermaria, essas «divinas páginas» constituem «a alegria da [sua] alma, que nelas encontra um alimento todo substancial» (Ct 299) e as suas «delícias» (Ct 289). Precisamente porque o tem como «o grande doutor do amor» (Ct 274), admira-o com um olhar de amor filial, como discípula ardente. Não admira que inculque o Santo a sua irmã Guida. Empréstalo o livro durante dois meses: «Estou muito contente de que gostes de São João da Cruz; tinha a certeza, conheço a minha filha» (Ct 239).

Contudo, existem planos inteiros da sua espiritualidade que não foram marcados por São João da Cruz. Assim, ele não fala nada explicitamente – quando isso tem tanta importância para Isabel – da Eucaristia, da Virgem Maria, da caridade fraterna, da salvação do mundo. No mesmo sentido, é preciso notar que temas queridos a São João da Cruz não se encontram nos escritos de Isabel: o demónio, os fenómenos místicos extraordinários, as descrições psicológicas da alma humana, a importância do director espiritual, etc.⁴⁸

⁴⁷ Alfonso Aparício, *a. c.*, p. 157.

⁴⁸ Jean Rémy, *Regards d'amour...*, pp. 54-57. «Isabel é uma tradução existencial da mística de São João da Cruz» (G. Stinissen, *Découvre-moi ta présence: rencontres avec saint Jean de la Croix*, Éd. du Cerf, coll. "Epiphanie", 1989, p. 105). «É possível ler a São João da Cruz pensando na vida de Isabel da Trindade e ver nela um exemplo concreto da evolução de uma alma que se deixa fazer por Deus, segundo a descrição de João da Cruz» (Jean Rémy, *Regards d'amour*, p. 59).

A generosidade da sua juventude, os obstáculos encontrados, o caminho da fé, o seu desejo de ser apóstolo, Deus que cumula e atrai, as trevas da noite, o sofrimento com Jesus e por Jesus, o incêndio de amor, a comunhão com as Três Pessoas divinas, a perspectiva da morte, a morte, a missão póstuma, etc... são temas sanjoaninos.⁴⁹

A 9 de Abril de 1904, alude à «solidão harmoniosa» do *Cântico* (Ct 198). No dia da Assunção cita a célebre sentença «sofrer e ser desprezado por Vós», lida certamente numa estampa, que orienta a sua vocação de carmelita teresiana-sanjoanina: «A Cruz é a herança do Carmelo: “Ou sofrer, ou morrer”, exclamava a nossa santa Madre Teresa; e quando Nosso Senhor apareceu a São João da Cruz e lhe perguntou o que desejava em recompensa de todas as penas que tinha suportado por Ele, este respondeu: “Senhor, sofrer, ser desprezado por vosso amor”» (Ct 207). A 21 de Agosto de 1904 usa a expressão sanjoanina (CB 31) de «almas conglutinadas» (Ct 209). A 12 de Novembro de 1904, encabeça uma carta a sua irmã Guida com a sentença sanjoanina (CB 9), que a encanta e fascina: «O amor só se paga com amor» (Ct 213), aliás, como a Teresa de Lisieux (A 85 v). A partir de uma estampa, cita o «dito de luz e amor» «seremos julgados no amor» (Máxima 70): «São João da Cruz diz que seremos julgados sobre o amor» (Ct 224). A partir de 1905, Isabel continua a sua leitura do santo, e as cartas desta época dão conta deste clima sanjoanino.

Isabel partilha do seu «amor à cruz»: a alma carmelita é uma «alma que olhou para o Crucificado...» (Ct 133). Do sanjoanino «calar e agir» (Ct 8) ao isabelino «calar e adorar» (Ct 151). Herdou dele uma sólida visão da fé. Para ela, a fé é «o face a face nas trevas» (Ct 165). Basta-lhe crer no amor de Deus... Deus condu-la à união por meio de uma fé pura e viva. O «nescivi» de Isabel (UR 1) é a doutrina sanjoanina do «não-saber» nada – «já coisa não sabia» – a não ser a «ciência do Amor» bebida no «peito do Amado» (CB 26, 13-17).

Isabel e João compreenderam que «quando Deus olha, ama» (CB 31, 5), que Deus, Pai, Filho, Espírito Santo, os olha, nos olha com um olhar que ama e transforma aqueles que toca. Por seu lado, eles olham para Deus com um olhar de amor. A vida cristã, a vida espiritual, a vida mística, a santidade à qual somos chamados, é este intercâmbio

⁴⁹ Ibid., pp. 60-71.

misterioso de dois olhares de amor que vão transformar aqueles que se amam para que, progressivamente, se assemelhem mais e mais, se unam cada vez melhor, realizem essa unidade desejada por Jesus: «Como Eu e o Pai somos um, também eles sejam um como nós somos um» (Jo 17, 21).

«Talvez influenciada pela doutrina de São João da Cruz, descobre que a beleza e a formosura constituem a essência de Deus e que essa beleza surge da unidade harmônica do Ser divino. Por isso, a Irmã Isabel como Louvor de glória sente o desejo apaixonado de reproduzir na sua alma, pela unidade do seu ser espiritual, a beleza infinita de Deus. “O Rei fica enamorado da sua beleza”, da beleza da unidade do seu ser espiritual (UR 26)».⁵⁰

Um mês antes da sua morte, Isabel é fotografada pela última vez no terraço perto da enfermaria. Muito afável, tenta manter-se muito direita. O seu rosto está magro e macilento. Vêem-se olheiras nos olhos. Tem na sua mão direita um terço e, sobre os joelhos, o volume contendo o *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva* de João da Cruz. Foi ela que o quis ou pediram-lhe para o tomar? Não sabemos, mas a escolha é significativa?⁵¹

O entusiasmo de Isabel pelo seu «bem-aventurado Pai» não desfalecerá até à sua morte. Escreve: «Leio neste momento muitas belas páginas no nosso bem-aventurado São João da Cruz sobre a transformação da alma nas três Pessoas divinas» (Ct 274)... «Lendo São João da Cruz, o grande doutor do amor, pensava em vós; ele diz que “Deus só se agrada do amor”» (Ct 293). Leu no Santo páginas admiráveis sobre o dom da oração «que constitui a essência da vida do Carmelo»: «São João da Cruz ... tem um capítulo admirável no qual descreve a morte das almas vítimas do amor. São João da Cruz, nosso bem-aventurado Pai, escreveu divinas páginas no seu *Cântico* e na sua *Chama de amor*; este querido livro faz a alegria da minha alma, que encontra nele um alimento todo substancial» (Ct 299).

⁵⁰ A. Aparício, «*Sor Isabel y los grandes maestros del Carmelo*», p. 168.

⁵¹ C. de Meester et le Carmel de Dijon, *Procuro-te desde a aurora. Isabel da Trindade. Evocação de um rosto e de um coração*. Carmel de Dijon (Flavignerot, 21160, Marsannay-la-Côte), 1984.

Em 1905, começa uma nova campanha de leitura e a descoberta da *Chama de amor viva*,⁵² com a qual termina a sua primeira leitura do Doutor Místico. Depois de entrar na enfermaria, na Primavera de 1906, interioriza profundamente os textos do Santo. Além de ler a Sagrada Escritura, lê a São João da Cruz e a Ruusbroec, o Admirável.⁵³ «De fim de Abril até o 17 de Julho de 1906, a sua correspondência remete-nos oito vezes para o *Cântico Espiritual* e a *Chama de amor viva*... Pedelhe agora que a ajude a bem morrer. Aborda o tema sanjoanino da morte como «manifestação», tratado pelo Doutor Místico no fim da primeira estrofe da *Chama*⁵⁴ e o tema da invulnerabilidade da alma unida a Deus no meio das provações.⁵⁵ A partir de 17 de Julho, já não há rastos sanjoaninos nas cartas de Isabel.

Durante o mês de Agosto de 1906 compõe *O Céu na fé* e o *Último Retiro*. No primeiro, *O Céu na fé*, vinte meditações sobre a vocação cristã, destinadas a Guida, sua irmã, e distribuídas por dez dias, como apelo a viver a vocação de «louvor da glória» de Deus (CF 41), cita vinte vezes a Sagrada Escritura e comenta-a a partir de São João da Cruz⁵⁶ em oito meditações, e de Ruusbroec em nove meditações.

– «O lugar onde o Filho de Deus está escondido é o seio do Pai, ou a Essência divina, invisível a todo o olhar mortal, inacessível a toda a inteligência humana, o que fazia dizer a Isaías: “Vós sois verdadeiramente um Deus escondido” (Is 45, 15)» (CB 1, 3 < > CF 1).

– «São João da Cruz diz que “é na substância da alma, onde não podem chegar nem o demónio nem o mundo” que Deus se dá à alma;

⁵² Ct 23; 239; 241; 249; 250; 261; 269.

⁵³ Max Huot Longchamp, *a. c.*, pp. 117-118.

⁵⁴ Ct 274; 278; 293.

⁵⁵ Ct 274; 276; 284.

⁵⁶ «O método com que São João da Cruz expôs a sua doutrina, que lhe obteve o título de Doutor da Igreja, de servir-se da Sagrada Escritura, sob cuja guia não podemos errar, porque é palavra do Espírito Santo (S pról 2, 11; cf. CH pról 1)... para expor a sua doutrina sobre a vida cristã... podemos dizer também que a Beata Isabel da Trindade, nos seus escritos, segue o mesmo procedimento, com a diferença que, enquanto o Doutor místico cita os textos bíblicos oferecendo a sua exegese e explicação do seu significado como o entende, Isabel usa simplesmente os textos bíblicos para expor o seu pensamento, enquanto tais textos o geram nela que o vive, o experimenta e lho comunicam» (G. Ferraro, «Lo Spirito, il Padre e il Figlio nell'uso dei testi biblici pneumatologici e nel pensiero della Beata Elisabetta della Tinità (I)», em *Teresianum*, Romae-LVII / 2006 / I, p. 149 (cf. *Ibidem*, em *Teresianum-Romae-LVII / 2006 / II*, pp. 501-542).

então “todos os seus movimentos se tornam divinos e, sendo embora de Deus, são igualmente dela, porque Nosso Senhor os produz nela e com ela”» (CH 1, 9 < > CF 5).

– «Este mesmo Santo diz ainda que “Deus é o centro da alma. E quando a alma com toda” a sua “força tiver conhecido perfeitamente a Deus, então o amaré e o gozará inteiramente, terá chegado ao centro mais profundo que n’Ele possa alcançar”. Porém, antes de lá chegar, a alma já está “em Deus que é o se centro”, “mas não está no seu centro *mais profundo* pois pode ir mais longe. Como é o amor que une a alma a Deus, quanto mais intenso é este amor, mais profundamente ela entra em Deus e n’Ele se concentra”, quando “possuir um único grau de amor está já no seu centro”; mas quando este amor tiver atingido a perfeição, a alma terá penetrado no seu “centro o *mais profundo*”. Aí será transformada a ponto de se tornar semelhançíssima a Deus» (CH 1, 11-13 < > CF 6).⁵⁷

– «”Todas as nossas obras, todos os nossos trabalhos nada são diante d’Ele. Nada lhe podemos dar, nem satisfazer o seu único desejo que é o de elevar a dignidade da nossa alma”. Nada lhe agrada tanto que vê-la “crescer”. “Ora, nada a pode tanto elevar como tornar-se, de alguma maneira, igual a Deus; eis, porque Ele lhe exige o tributo, tanto quanto possível, aquele que ama àquele que é amado. A alma em posse deste amor” “aparece em pé de igualdade com Jesus Cristo, porque a recíproca afeição torna tudo comum entre ambos”. “Chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi dizer a meu Pai” (Jo 15, 15)» (CB 28, 1 < > CF 15).⁵⁸

– «Mas para chegar a este amor, a alma deve, primeiramente, “entregar-se totalmente”, a sua “vontade deve estar docemente perdida na de Deus”, de modo que as suas “inclinações” e as “faculdades” “já não se movam senão neste amor e por causa deste amor. Tudo faço com amor, tudo suporte com amor: tal é o sentido do que cantava David.

⁵⁷ «Deus é o centro da alma e o caminho para ele é o amor» (Rómulo Cuartas – F. Javier Sancho, o. c., p. 112).

⁵⁸ O amor de Deus iguala o homem consigo (CB 39, 4-6), realiza a união (CB 28, 1), «transforma em si próprio tudo o que toca» (CH 2, 2 < > CF 13) é uma constante nos textos de Isabel (UR 28; Ct 274). «Todo o labor de Deus parece ser o de encher a alma de carícias e de provas de afecto, como uma mãe que cria a sua menina amamentando-a com o seu leite» (CB 27, 1 < > CF 34). A vida de Isabel transforma-se em amor (CB 28, 8-10 < > CF 16).

“Para vós guardarei toda a minha força” (Sl 58, 10). Então, “o amor enche-a a tal ponto, absorve-a e protege-a” tão bem “que encontra em toda a parte o segredo de crescer em amor”, “mesmo no meio das relações que tem com o mundo” (CB 27, 7); “no meio dos cuidados da vida está no direito de dizer: “A minha única tarefa: é amar!” (CB 28, 8)» (CB 28, 2; 10; 4; 7; 9 < > CF 16).

– «São João da Cruz diz que ela nos serve de “pés” para ir “a Deus”, e ainda, que ela é “a posse em estado obscuro”. É ela “somente que nos pode dar verdadeiras luzes” d’Aquele que amamos, e a nossa alma deve “escolhê-la como o meio para chegar à bem-aventurada união”. “É ela que verte a jorros no fundo de nós, todos os bens espirituais. Jesus Cristo, falando à Samaritana, designava a fé, quando prometeu dar a todos os que acreditassem n’Ele, “uma fonte de água viva que havia de exultar até à vida eterna”. Deste modo, pois, a fé dá-nos Deus já nesta vida, revestido, é certo, do véu com que ela o cobre, mas em todo o caso o próprio Deus”. “Quando vier o que é perfeito”, quer dizer, a clara visão, “o que é imperfeito” ou, noutros termos, o conhecimento dado pela fé, “receberá toda a sua perfeição”» (CB 1, 11; 12, 3; 12, 2; 12, 3; 12, 4; 12, 6 < > CF 19).

– «”Todos os que são impelidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus”. E ainda: “Não recebemos o espírito de servidão, para nos conduzir ainda no temor, mas o espírito de adopção de filhos no qual clamamos: Abba, Pai! Com efeito, é o próprio Espírito que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Porém, se filhos, somos também herdeiros; digo, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Jesus Cristo, desde que soframos com Ele para com Ele sermos glorificados”. “é para nos fazer chegar a este abismo de glória” que Deus nos criou à sua imagem e à sua semelhança (Gn 1, 26)» (CH 2, 34; CB 39, 5 < > CF 31).⁵⁹

– «”No Céu” cada alma é um louvor de glória ao Pai, ao Verbo, ao Espírito Santo, porque cada alma está fixada no puro amor e “não vive mais da sua vida própria, mas da vida de Deus”. Então, conhece-o, diz São Paulo, como é conhecida d’Ele, ou noutros termos, “o seu

⁵⁹ «O nosso bem-aventurado Pai diz que então o Espírito Santo eleva-a a uma altura tão admirável que a torna capaz de produzir em Deus a mesma aspiração de amor que não senão o mesmo Espírito Santo!» (CB 39, 3 < > Ct 185).

entendimento é o entendimento de Deus, a sua vontade, a vontade de Deus, o seu amor, o próprio amor de Deus. é, de facto, o Espírito de amor e de força que transforma a alma, porque tendo-lhe sido dado suprir ao que lhe falta”, como diz ainda São Paulo, “opera nela esta gloriosa transformação”. São João da Cruz afirma que “pouco falta para que a alma entregue ao amor, pela virtude do Espírito Santo, não se eleva até ao grau, de que acabamos de falar”, já a partir daqui de baixo! Eis o que chamo um perfeito louvor de glória!» (CB 12, 7; 38, 3 < > CF 42).

– «Um louvor de glória é uma alma que olha Deus, na fé e na simplicidade; é um espelho de tudo o que Ele é; como um abismo sem fundo, no qual Ele pode verter-se e expandir-se; é ainda como um cristal através do qual Ele se pode reflectir e contemplar todas as suas perfeições e seu próprio esplendor. Uma alma que, deste modo, permita ao Ser divino que nela sacie a necessidade de comunicar tudo o que Ele é, “tudo o que Ele tem” é, de facto, o louvor de glória de todos os seus dons» (CH 1, 13; 3, 1 < > CF 43).

Na fase terminal da sua vida, ameaçada pela doença, rememora ainda o seu Querido Santo no *Cântico Espiritual*: «Como é suave e doce a morte para as almas que não amaram senão a Ele» (Ct 278). «Desde o fim de Março, estou na enfermaria, de cama, não tendo outro ofício senão o de amar» (CB 28, 8). Neste contexto, recorda a «morte de amor» das almas santas: «São João da Cruz di-lo formalmente; tem um capítulo admirável no qual descreve a morte das almas vítimas do amor, os últimos assaltos que lhes faz, depois todos os rios da alma vão perder-se no Oceano do amor divino e parecem já mares pois são tão imensos (CH 1, 30 < > Ct 293).

«A leitura directa de João da Cruz terminou definitivamente com *O Céu na fé*, isto é, a partir de 15 de Agosto». ⁶⁰ Impõe-se um balanço desta segunda leitura aprofundada do Santo, que vai de fim de Março até Agosto de 1906.

⁶⁰ Max Huot Longchamp, *a. c.*, p. 126. «Um primeiro balanço da primeira leitura isabelina da obra sanjoanina, mostra-nos que as citações andam à volta de três temas dominantes: a união da alma com Deus (Ct 121), tema que domina a percepção isabelina da vida espiritual; a presença de Deus como centro da alma (Ct 239); a solidão da alma e a separação do mundo: «no nosso centro mais profundo centro,... podes retirar-te nesta solidão» (Ct 239). A solidão espiritual exprime a essência da vida carmelita em termos sanjoaninos (Ct 198; 220; 250).

«O período que vai de Abril até metade de Agosto de 1906 aparece como aquele durante o qual Isabel terá verdadeiramente estudado o texto de João da Cruz. A sua perspectiva é a partir de agora nova: sabe desde o fim de Março que vai morrer em breve. E é assim que a sua descoberta de *Chama viva de amor* a ajuda poderosamente: adivinhamos que a morte de amor do final da primeira estrofe se torna para ela a chave do que agora é chamada a viver. Sem dúvida que esta luz encontrada em João da Cruz explica o seu lugar nesta apresentação de conjunto da vida cristã que é *O Céu na fé*. Nele encontramos algumas páginas dominadas pelo Doutor Místico, mas fora das meditações sobre as quais nos debruçamos, aparece mais como um fornecedor de argumentos do que como um mestre de pensamento».⁶¹

«Na sua contemplação do Ser que é “a Plenitude do Amor”, Isabel alcança o pensamento do seu pai João da Cruz. No começo dos seus *Romances*, o grande místico canta o Mistério das três Pessoas da Santíssima Trindade (“*Três Pessoas e um amado*”) e celebra “o Ser” (“*o ser*”), “o Amor” (“*o amor*”) que as une «num inefável nó” (Rm 1, 27-46). Os Três são um só Ser e estão indizivelmente unidos num único Amor. Sim, tal é para Isabel “o Ser divino”, o “Lar de amor” que nos chama a viver “em comunhão com o Amor”, “no seio dos Três”, “consumados na Unidade”, no tempo e na eternidade! A vida cristã recapitula-se, no cantar do místico, na Trindade (Rm 4, 145-166).⁶²

IV. Isabel da Trindade e Santa Teresa do Menino Jesus

Antes da entrada de Isabel, mesmo antes da sua leitura da *História de uma Alma*, a vida de Teresa do Menino Jesus tinha sido acolhida com entusiasmo no Carmelo de Dijon. A 10 de Novembro de 1898, a Priora Maria de Jesus agradece ao Carmelo de Lisieux “pela grande edificação que nos causastes com o envio da vida da vossa querida Irmã Teresa do Menino Jesus. Acabamos de terminar a leitura no

⁶¹ Max Huot Longchamp, *a. c.*, p. 126.

⁶² Jean-Philippe Houdret, «Le mystère trinitaire dans les écrits d'Élisabeth de la Trinité», em *L'aventure mystique*, Éditions du Carmel, Toulouse, 2006, pp. 288-289.

refeitório, e cada Irmã pede para voltar a lê-la em particular. O perfume desta florzinha penetrou-nos profundamente, e encomendamo-nos a ela como a uma Irmãzinha do Paraíso” (Arquivos do Carmelo de Dijon).

Este acolhimento da vida de Teresa de Lisieux no Carmelo de Dijon dará lugar a uma correspondência frequente entre os dois Carmelos. Dijon converte-se num pequeno centro de difusão da *História de uma Alma*: “Amamos tanto a nossa pequena Santa, escrevem as carmelitas a 9 de Maio de 1899, que propagamos a sua vida quanto nos é possível, e peço-vos, minha Reverenda Madre, que nos envieis novamente uma dezena de exemplares”. Um mês mais tarde fazem um novo pedido de dezoito exemplares, com esta anotação: “Recebemos os 13 volumes; agora fazem-nos falta 18 para o nosso Seminário Maior. (...) Todas as nossas Irmãs queriam pôr o seu coração na minha carta, para dizer-vos, minha digna Madre, a carinhosa união que se formou ente vós e nós por meio da queridinha alma de santa, cuja história nos mandastes”.

A difusão da *História de uma Alma* a partir do Carmelo de Dijon atingiu em cheio a Isabel. Por esta altura – a 26 de Março – a sua mãe levantara-lhe a proibição de visitar as carmelitas, depois de ter autorizado a sua entrada dentro de dois anos (P 71: 20 de Junho de 1899). Isabel visita a priora Madre Maria de Jesus, grande admiradora da Teresinha. Emprestou-lhe o livro da *História de uma Alma*, ofereceu-lho a sua amiga Maria Luísa Hallo, ou comprou-o ela na «roda» do convento?⁶³ Talvez fosse um dos livros de leitura das suas férias (Ct 24). Começou, então, a fazer a sua primeira leitura de Teresa de Lisieux. Lê a *História de uma Alma* a menos de dois anos da morte de Teresa (30 de Setembro 1897) e a menos de um ano da sua aparição (30 de Setembro de 1898). A partir de então a sua vocação de carmelita amadurece rapidamente. Aos 19 anos quer entrar no Carmelo para se deixar consumir pelo fogo do amor de Deus. Teresa é para ela uma referência que a desafia e anima na sua vocação.

Durante o postulante, a leitura da *História de uma Alma* cria o «clima teresiano» favorável à vivência da sua vocação como oferecimento de amor. O retrato de Teresa preside no refeitório da Comunidade. As Irmãs sentem uma verdadeira devoção por ela. A Irmã

⁶³ C. de Meester, *La rencontre...*, pp. 137-138.

Germana de Jesus, mestra de noviças, é quem mais influi na jovem postulante. É uma grande admiradora da Irmã Teresa do Menino Jesus, como consta de uma carta perdida, escrita à Madre Maria de Gonzaga, priora de Lisieux, para que a encomendem ao seu Anjo. A priora responde-Lhe a 28 de Agosto de 1899: «Respondemos aos desejos da Irmã Germana de Jesus... e as Irmãs estão a fazer a novena pedida, e pedem-me para lhe dizer (à Irmã Germana) que a consideram da família pelo grande afecto que sente pela nossa pequena Rainha» (Arquivo de Dijon). Em Abril de 1900, a Irmã Germana volta a fazer um novo pedido de livros, ao mesmo tempo que se encomenda às orações do Carmelo de Lisieux, «pedindo sempre ao nosso Anjo que me inicie no seu pequeno caminho, tão cheio de atractivos para a minha pequena alma».

Dois meses mais tarde, em Junho de 1900, a Irmã Germana escreve uma nova carta, na qual «atribui numerosas graças à nossa angélica santa». Já em Setembro de 1899 faz uma «novena» de preparação para a sua «festa». E a 24 de Outubro de 1900 as carmelitas de Dijon anunciam: «Celebramos com fervor e com oitava a festa deste anjo, e cantamos no recreio um Magnificat em acção de graças. No final renovamos os nossos pactos com esta querida irmãzinha, que verdadeiramente passa a sua eternidade a fazer o bem sobre a terra».

Teresa tinha conquistado o coração do Carmelo de Dijon e o da Irmã Germana em particular. Chegará a dizer que a «Mestra de noviças de Lisieux» é também a «do Carmelo de Dijon» (Ct 179, nota 16). É o «clima teresiano-lexoviense» que Isabel encontra quando entra, no dia 2 de Agosto de 1901. Poucos dias depois de ter entrado, a 6 de Agosto, a Irmã Teresa de Jesus, de Dijon, envia à Irmã Genoveva, irmã carnal de Teresa de Lisieux, uma longa carta com uma fotografia do grupo, na qual se vê Isabel ajoelhada ao lado da Irmã Germana de Jesus, mostrando-lhe um livro aberto, seguido deste comentário: «A Irmã Germana sustém um livro sobre os joelhos, já adivinhais que se trata da *História de uma Alma*; está a mostrar o retrato do vosso Anjo a uma postulante de três dias, mas que desde os sete anos desejou o Carmelo, a Irmã Isabel da Trindade, que será uma Santa, porque para isso tem já disposições muito notáveis» (Arquivo de Lisieux). «Que profecia!», exclama C. de Meester.⁶⁴

⁶⁴ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 153.

Dois meses depois da entrada de Isabel, Germana de Jesus é eleita Priora, substituindo a Maria de Jesus, destinada à nova fundação de Paray-le-Monial. Ao ficar diminuída a comunidade por esta causa, a irmã Germana assumirá também a tarefa da formação das «noviças» – postulantes, noviças e jovens professoras –, que depois da sua profissão permaneciam três anos no «noviciado». Ajudou-as a compreender melhor a espiritualidade de Teresa de Lisieux na realidade da sua vida.⁶⁵ É o tempo que Isabel vive no Carmelo. Teresa torna-se «companheira de noviciado» de Isabel pelo prisma da Madre Germana. Assim se compreende o grande papel que a Madre Germana desempenhou na sua formação e na marca teresiano-lexoviense que imprimiu à sua espiritualidade: «Sem ensombrar o grande modelo de Teresa de Ávila, a Madre Germana pôde ensinar às suas noviças o caminho de santidade da carmelita de Lisieux como muito válido e muito praticável. Quando Isabel atravessa, desde muito cedo, um ano de noviciado muito duro e obscuro, a Madre Germana pôde inculcar-lhe a confiança e a fé, referindo-se várias vezes ao caminho de amor e de abandono filial da Teresa».⁶⁶

Isabel começou a fazer o seu discernimento vocacional e a preparar-se para a sua entrada no Carmelo, no mesmo ano da morte de Teresa de Lisieux (1897) e um ano antes da aparição da *História de uma Alma* (1898). Isabel da Trindade leu os escritos de Teresa de Lisieux antes mesmo de entrar no Carmelo. Leu a *História de uma Alma* durante a missão de Dijon, em 1899. As duas jovens encontraram-se antes de Isabel entrar no Carmelo. Ecos desse encontro aparecem no *Diário* e nas *Notas íntimas* de Isabel. As duas sentem-se chamadas ao Carmelo desde muito novas; experimentam o amor e a dor interior da sua vocação; morrem as duas muito novas, mas maduras no seu ideal de santidade; ambas querem passar o seu céu a fazer o bem sobre a terra, Teresinha, ensinando o caminho da infância espiritual, e Isabel o caminho da interioridade ou da descoberta de presença de Deus no “céu da nossa alma”.

«Duas jovens contemporâneas, francesas, carmelitas, atingidas muito cedo por uma doença incurável, mortas prematuramente (Teresa

⁶⁵ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 154.

⁶⁶ C. de Meester, «*Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon*», pp. 187-188.

aos 24 anos e 9 meses, Isabel aos 26 anos e 4 meses) de uma morte de amor, no meio de sofrimentos agudos, ambas profetisas de Deus, encarregadas de uma missão para o nosso século, e que tiveram já uma irradiação póstuma. Teresa e Isabel, cada uma à sua maneira, traduzem para nós importantes dimensões da mensagem evangélica. Aproximam-se mutuamente e complementam-se».⁶⁷

Durante os dezoito meses que ainda a separavam do Carmelo, Teresa continuou a acompanhá-la discretamente no pequeno grupo dos seus santos preferidos.⁶⁸ Quatro longos extractos teresianos foram certamente copiados *antes* do 12 de Agosto de 1899, provavelmente mesmo desde Abril do *Apêndice* da primeira secção da *História de uma Alma*. Trata-se do «Acto de oferecimento de mim mesma como vítima de holocausto ao Amor Misericordioso» (Or 6). Isabel rezou-o mais de uma vez, muitas vezes, este Oferecimento, comprometendo-se com ele. Como tinha boa memória, deveria conhecer o texto quase de cor. Na mesma época, em que deseja partir para o Carmelo a fim de se «imolar em silêncio» junto da «Divina Hóstia», em que sonha com a vida comunitária do Carmelo onde deseja «encontrar o objecto do seu amor» e «amar o Divino Menino», em que o seu «coração ardente» «precisa de provar a sua ternura» ao seu «único Amor, Jesus, Verbo Eterno», transcreveu três poesias de Teresa: «Cântico de uma alma que encontrou o lugar do seu repouso» (P 21), «A Passareira do Menino Jesus» (P 43), e «Só Jesus» (P 36). Copiou ainda textos da *História de uma Alma* para o seu caderno pessoal aproximadamente *no princípio de 1900*: o bilhete que Teresa levava sobre o seu coração no dia da sua profissão (Or 2), o relato da sua entrada no Carmelo (A 68 v – 69 r); o relato da primeira comunhão de Teresa (A 35 r); o entusiasmo de Teresa diante da sua missão de carmelita de rezar pelos sacerdotes (A 56 r); a sua reflexão sobre a sua futura vida de carmelita, durante a sua viagem Suíça, ao contemplar a belezas das montanhas (A 57 v- 58 r). E prova mais do que suficiente de que Isabel leu verdadeira e atentamente o livro, as cartas e as poesias. Deve ter ficado particularmente fascinada com o «capítulo onze» da *História de uma Alma*, que contém o final do Ms C e o Ms B.⁶⁹ Na verdade, «a jovem

⁶⁷ *Ibid.*, pp. 175-176.

⁶⁸ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 150.

⁶⁹ *Ibid.*, pp. 141-142.

carmelita de Lisieux vai ao encontro das aspirações mais íntimas da postulante de Dijon, ardentemente desejosa da vida carmelita. Ninguém duvida de que entre “essas grandes almas que te amaram tanto” (D 140) e pelas quais sente “zelos”, figura Teresa de Lisieux». ⁷⁰

Uma vez no Carmelo, a Madre Germana, leitora entusiasta de Teresa, alimentou o espírito de Isabel da Trindade com a doutrina da *História de uma Alma*. Ter-lhe-á ensinado o caminho da santidade da carmelita de Lisieux como uma tradução concreta e muito válida do *Caminho de Perfeição* ensinado pela Madre Teresa. ⁷¹ Isabel assimilou a sua «petite voie» – o seu caminho de amor, de confiança e de abandono – e incorporou-a ao seu próprio pensamento e caminho. ⁷² Por exemplo, assimilou a doutrina paulina da justificação do pecado como obra da graça de Deus (Rm 5, 20), que implica «o esquecimento de si», o «abandono em Deus», cuja força se manifesta na nossa fraqueza (2 Co 12, 2. 9). Jesus, diz ela à senhora Angles, «não veio para condenar, mas para salvar» (Jo 12, 47) os que confiam e se abandonam à sua misericórdia.

Isabel «*invoca* todos os dias» a Teresa de Lisieux na oração aos santos, pela manhã, depois da Eucaristia, e pede-lhe a graça da simplicidade e do abandono ao amor (Ct 179 de 20 de Setembro de 1903). O «encontro diário» com ela na oração não é de somenos importância em relação à leitura da *História de uma Alma*, pois, na oração, como ela, aprendeu a ciência do amor que faz os santos e pacífica a alma. Isabel pressente a grandeza universal de Teresa.

«Coragem, pois, senhora e irmã querida. Encomendo-a especialmente a uma humilde carmelita que morreu aos vinte e quatro anos em odor de santidade e que se chamava Teresa do Menino Jesus. Antes de morrer, dizia que passaria o seu céu

⁷⁰ C. de Meester, «Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon», pp. 178-179.

⁷¹ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 154.

⁷² «A primeira leitura da *História de uma Alma* não constituiu para o caminho de Isabel uma verdadeira descoberta, um *eureka*; não lhe trouxe uma real correcção de percurso; embora tenha sido um *longo e benéfico encontro* que fez avançar Isabel na boa direcção, na qual caminha já tão ousadamente. No momento em que lê a *História de uma Alma*, a confiança condu-la sobre todo o temor (C. de Meester, *La rencontre...*, p. 147). «A nossa Isabel estava já madura, se posso falar assim, quando apareceu a *História de uma Alma*; ela nunca aprofundou “o pequeno caminho”, que não a atraía; o seu estava então aberto e avançava rapidamente por ele. Eis o facto certo (...)» (Carta da Madre Germana de 6 de Março de 1925 ao padre Gabriel de Santa Maria Madalena).

fazendo o bem sobre a terra. A sua missão consiste em dilatar as almas, em lançá-las pelos mares do amor, da confiança e do abandono. Dizia que tinha encontrado a felicidade quando começou a esquecer-se de si mesma. Quer *invocá-la comigo todos os dias* para que lhe alcance essa ciência que faz os santos e que dá à alma tanta paz e felicidade? (Ct 249, à senhora Angles, 26 de Novembro de 1905).

Discordamos absolutamente da opinião de Maurício Martín del Blanco quando afirma que «não existem influências doutrinárias de santa Teresa do Menino Jesus sobre a beata Isabel da Trindade». ⁷³ Há ecos teresianos lexovienses nas cartas de Isabel. Por exemplo, Isabel aparece totalmente centrada no espírito carmelitano-teresiano da cela do coração como morada de Deus (Ct 123). Podemos enumerar toda uma série de temas teresianos que se encontram nos escritos de Isabel:

A simplicidade e a confiança; o «viver de Amor» (P 17); o dom total de si como uma presa (Ct 225, n. 4); o olhar para o Astro de amor (Ct 190, n. 3); a união com Deus como uma gota no oceano (Ct 249, nn. 2-3); a confiança no meio da sua fraqueza (Ct 249, n. 19); o chamamento à santidade de Deus, que é a nossa santidade (NI 15, n. 17); a força apostólica da oração (P 81, nn. 4-5; Ct 124); a oração filial da criança levada pela mão ou nos braços do pai ou da mãe (Ct 123); «o céu da nossa alma» (Ct 87, n. 3); a presença de Cristo na alma «como numa Hóstia» (Ct 93, n. 2); a leitura «isabelina» de Teresa de Lisieux (P 94, 3), onde o segundo lugar de Teresa, depois de Cristo, *antes* de Maria Madalena, de Elias, de Teresa de Ávila, da Virgem Maria, das Beatas mártires de Compiègne, o das primeiras carmelitas, prova a familiaridade de Isabel com Teresa e o exemplo do amor de Teresa para Isabel.

«Podemos dizer que a vocação e a espiritualidade de Isabel da Trindade estão influenciadas em grande medida pela espiritualidade de Teresa de Lisieux, dentro do quadro comum da espiritualidade teresiano-sanjoanina: o amor a Deus, vivido no seu processo de identificação com Cristo, pela participação na cruz e no mistério pascal, até alcançar o cume da união, na qual se consoma a “morte de

⁷³ Maurício Martín del Blanco, «Fechas claves de la vida de la beata Isabel de la Trinidad y sus contenidos esenciales», em *Monte Carmelo* 3 (2006) p. 511.

amor”. Quando perguntam a Isabel, no limiar do Carmelo, «qual é a santa que preferes e porquê, ela responde: «A nossa santa Madre Teresa, porque morreu de amor» (NI 12).

Teresa de Lisieux, ainda não canonizada, mas já constituída «mestra de noviças» do Carmelo de Dijon, ensina Isabel a seguir a vida de amor da grande Teresa de Ávila. Graças à Madre Germana, Teresa de Lisieux foi para Isabel uma irmãzinha, «uma verdadeira companheira de noviciado».⁷⁴ O seu «retrato preside» à vida de Comunidade, especialmente, à do noviciado, como espelho da «fidelidade dos santos».⁷⁵ Há uma «presença» de Teresa na vida de Isabel até aos seus últimos dias: presença benéfica, encorajadora, bastante provocadora; o que é sempre uma maneira de «influência».⁷⁶

«As três características essenciais da sua espiritualidade – espiritualidade de uma presença (presença trinitária); espiritualidade de interiorização (unidade interior e adoração); espiritualidade de “louvor de glória” (missão carismática) –, vistas na sua globalidade, coincidem com os temas centrais da espiritualidade teresiano-sanjoanina, na qual é educada, mas confere-lhes uma marca nova a partir das chaves da sua própria espiritualidade; são, em certo sentido, uma releitura ou actualização tanto da espiritualidade teresiano-sanjoanina como da espiritualidade lexoviense».⁷⁷

No fundo do desejo de interioridade está o seu desejo de “ser santa”, como Teresinha, cuja *História de uma Alma* está a ler. Depois da leitura da *História de uma Alma*, o seu desejo de «viver de amor» até

⁷⁴ C. de Meester, *a . c.*, p. 193 (Cf. C. de Meester, *La reencontre...*, p. 154).

⁷⁵ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 155. As cartas da Irmã Isabel à jovem Germana de Gemeaux, que sonha entrar um dia no Carmelo (acabou por entrar na Visitação de Dijon), revelam o amor da Madre Germana por Teresa e o clima que reina no noviciado de Dijon. Parece que já se pensava na sua «festa» com quarenta dias de antecedência. A 20 de Agosto de 1903, escreve-lhe: «A Madre Priora do Carmelo recomenda à sua querida postulantezinha a fidelidade a Jesus nas pequenas coisas, como Teresa do Menino Jesus cuja festa de 30 de Setembro não pode ser melhor preparada do que por actos de contínua fidelidade» (Ct 172). Passado um mês, a 20 de Setembro de 1903, volta a realçar o lugar que Teresa ocupa no Carmelo de Dijon: «Envio a Germana da Trindade, em honra da festa da Irmã Teresa do Menino Jesus, uma relíquia deste pequeno serafim. Ao beijá-la, que a filha confiada por nós à angélica Mestra de noviças de Lisieux, e do Carmelo de Dijon onde o seu retrato preside, lhe peça a fidelidade dos santos, fidelidade de amor» (Ct 179).

⁷⁶ C. de Meester, *La rencontre...*, p. 133.

⁷⁷ Ciro García, *o. c.*, p. 136.

«morrer de amor» vai começar a chamar-se, em Janeiro de 1900, «tornar-se santa» (D 138; NI 4). A expressão «quero ser uma santa» parece ter aflorado pouco o espírito de Isabel pois nunca aparece nos seus escritos antes do encontro com Teresa.⁷⁸ Reminiscência do relato da primeira comunhão de Teresa é a sua oração: «Que Isabel desapareça, só fique Jesus!» (D 156). As suas palavras são um eco do seu *Oferecimento ao Amor Misericordioso*, que Isabel tinha copiado numa folha a meados do ano anterior (D 138). O seu desejo de ser santa é ainda mais explícito no seu Oferecimento ao Amor que é uma ressonância do *Oferecimento* de Teresa de Lisieux. Aqui Isabel e Teresa aparecem “geminadas” numa alma e num texto. Contudo, o oferecimento explícito e radical de Isabel ao Senhor vem de muito antes da sua leitura da *História de uma Alma*. Aos dezassete anos, já se oferece a Deus ou a Jesus «como vítima» pelos pecadores.⁷⁹ O seu oferecimento como vítima tem uma intencionalidade altamente apostólica.⁸⁰ Chama a Jesus «todo Amor», «Bondade suprema». Tem em Deus «uma confiança inquebrantável». O termo «justiça», como atributo de Deus, nunca aparece nos seus escritos de juventude. De igual modo, nunca aparece a fórmula «Amor misericordioso» nem o adjectivo «misericordioso». A «misericórdia» não é uma descoberta nova para ela, embora se interesse muito por ela (D69), pois vê-a como a expressão do «amor» de Deus (Ct 151). Ela não seguiu um caminho de temor, mas o da confiança (D 52; 37; 148), pois «a piedade deve ser guiada pelo amor e não pelo temor» (D 110).

« [Eu me ofereço como...] vítima de holocausto. Oh, torna-me mártir do teu Amor, que este martírio me faça enfim morrer. Tira-me a liberdade de te desagradar, que nunca te faça a menor ofensa. Quebra, arranca do meu coração tudo o que te desagrade. Quero cumprir sempre a tua vontade, corresponder sempre à tua graça. Ó Mestre, quero ser santa para ti, sê a minha santidade, pois conheço a minha fraqueza. Oh! Jesus, obrigado por todas as graças que tu me concedestes, obrigado sobretudo por me teres provado. É tão bom sofrer por ti, contigo. Que cada batimento do meu coração seja um grito de reconhecimento e de amor» (NI 4: *16 de Nov. de 1899*).

⁷⁸ C. de Meester, *La reencontre...*, p. 148.

⁷⁹ P 55, 57, 58, 68, 72 bis; D 7, 24, 79, 123, 126, 148. 151.

⁸⁰ Exprime muitas vezes o seu ardor apostólico, o seu desejo de salvar almas (D 8-9, 17, 22, 33, 41, 43, 45, 49, 52, 74, 100, 115, 117, 120, 121, 127).

«O Oferecimento ao Amor Misericordioso de Teresa de Lisieux é um dos escritos que mais ressonâncias tem em Isabel. Copia-o quatro vezes, com o desejo de o ter à sua disposição, sempre à mão; a primeira vez, a meados de 1899. O amor que anima o Oferecimento de Teresa chega até ao mais fundo do coração sensibíllissimo de Isabel. Como Teresa, ela será também uma “vítima de holocausto”, uma “mártir do teu Amor”. “Que este martírio ma faça morrer” (NI 4). «Cada batimento do seu coração» será “um acto de amor” (NI 5), “um grito de reconhecimento e de amor” (NI 4); “que cada batimento do meu coração te repita este oferecimento” (NI 7). Como Teresa, recolherá para Jesus “o maior número possível de flores; estas flores serão os pequenos sacrifícios de cada instante” (NI 8). O dom de si será total: “Ofereço-me a ti como vítima (...) Desejo cumprir perfeitamente a tua vontade” (NI 5). “Eu sou a tua pequena vítima. Serve-te de mim. Sim, faz de mim o que te agradar. Ponho tudo nas tuas mãos: corpo e alma, desejos e vontade. Dou-te tudo” (D 148). Na luta pela sua entrada no Carmelo, abandona-se totalmente ao Senhor: “Espero com abandono e confiança esse momento que me unirá a ti para sempre” (ib). No fim, confia-se plenamente ao Amor, voltando à imagem teresiana: “Ele é a nossa Águia divina e nós somos as presas do seu amor. Ele toma-nos, a seguir põe-nos sobre as suas asas e leva-nos muito longe, muito alto (...) Porém, enquanto quiser deixar-nos aqui na terra, amemos, amemos tudo o que pudermos, vivamos de amor”» (Ct 41).⁸¹

«Enquanto Santa Teresa do Menino Jesus arrastou atrás de si almas sem conta, na sua oblação ao Amor Misericordioso, a Irmã Isabel da Trindade parece ter recebido como missão suscitar na Igreja uma multidão de «Louvores de glória à Trindade»: «Deixo-vos, como legado, essa vocação que foia que eu tive no seio da Igreja militante, e

⁸¹ C. de Meester, *a. c.*, p. 180 (Cf. *Ciro García, o. c.*, pp. 113-114). «As palavras “vítima” e “holocausto”, que se encontravam já nos escritos precedentes, são aqui fundidas numa única expressão. Todo o tom deste bilhete indica que a expressão é tirada ao Acto de oferecimento ao Amor Misericordioso de Teresa de Lisieux, que Isabel já tinha lido e copiado, na História de uma Alma (edição de 1899, pp. 249-251). Como nota o Pe Conrad de Meester (NI 4, n. 8), a expressão de Isabel: «Ó Mestre, quero ser santa para ti, sê a minha santidade, pois conheço a minha fraqueza», a primeira enunciação escrita do seu ideal de vida como procura consciente da «santidade», é um ressonância do Acto de Oferecimento (HA, p. 249): «Desejo ser santa, mas sinto a minha incapacidade, e peço-vos, ó meu Deus, que sejais vós mesmo a minha santidade» (Or 6). O exemplo de Teresa deveu ajudá-la muito no seu caminho de santidade.

que daqui em diante, estarei realizando sem cessar na Igreja triunfante: Louvor de Glória da Santíssima Trindade”». ⁸²

«O “*Deixa-te amar*” é a expressão de uma confiança sem limites nesse amor imenso de Deus que está sempre a agir em nosso favor e que abraça todo o nosso ser. O texto de Isabel tem algo de audaz e genial. No pano de fundo está Teresinha com o seu “*Oferecimento ao Amor Misericordioso*” e o seu pequeno caminho de confiança e abandono que Isabel assimilou tão maravilhosamente tal como aparece expressamente nalgumas cartas (cartas 171, 179 e 249) e noutras muitas ressonâncias e reminiscências lexovienses das quais estão cheias os seus escritos. Não esqueçamos que Isabel copiou até quatro vezes o “*Oferecimento ao Amor Misericordioso*”; provavelmente sabia-o de memória». ⁸³

“*Viver de Amor*” (P 17) é o título de uma poesia de Teresa de Lisieux, bem conhecida de Isabel que influenciou o seu poema *Amar* (P 94). Podemos falar de uma leitura «isabelina» de Teresa de Lisieux. «É evidente que Isabel, com o seu carisma próprio de interioridade e de presença a Deus, fez a sua leitura “pessoal” de Teresa. Vemo-lo, por exemplo, na poesia *Amar*, composta para o 29 de Julho de 1905. O tema do “amor” está unido aqui ao do “permanecer” em Cristo, “noite e dia”. Na estrofe 3, Isabel evoca o exemplo de Teresa, e situada entre a estrofe 2, como “olhar noite e dia para Cristo”, e a estrofe 4, onde apresenta Maria Madalena “ouvindo em grande silêncio (...) para saborear melhor a presença de Cristo». ⁸⁴ O segundo lugar de Teresa, depois de Cristo, e antes de Maria Madalena, de Elias, de Teresa de Ávila, da Virgem Maria, das Beatas mártires de Compiègne, o das primeiras carmelitas, realça o exemplo de amor de Teresa de Lisieux na vida de Isabel de Dijon e prova a familiaridade de Isabel com Teresa. ⁸⁵

«Amar é esquecer-se de si mesma
Como o Anjo de Lisieux
Para se perder n’Aquele que se ama

⁸² M. M. Philipon, *A Doutrina espiritual de Soror Elisabeth da Trindade*, II, Casa do Castelo – Editora, Coimbra, p. 176.

⁸³ Luciniano Luis Luis, «Déjate amar. El testamento espiritual de la Beata Isabel. Una espiritualidad para el siglo XXI», em *Monte Carmelo* 3 (2006) p. 662.

⁸⁴ C. de Meester, *La reencontre...*, p. 157.

⁸⁵ C. de Meester, *La reencontre...*, p. 158, n. 72.

E se consumir nos seus fogos.
 A Irmã Teresa soube compreender
 Na sua grande simplicidade
 Este apelo tão forte e tão terno:
 “Permaneçei no meu amor”.
 “Amo tanto a noite como o dia”,
 Tal era o divino cântico
 Da vítima de Amor
 A Jesus, seu Esposo místico.
 “A minha vocação é o amor...”
 “Amo tanto a noite como o dia”» (P 94, 3).

Quando no limiar do Carmelo lhe perguntam pelo *ideal da santidade*, responderá: “Viver de amor”. E à pergunta: “Qual é o meio mais rápido para chegar ao ideal?”, responde também com uma ressonância do caminho da infância espiritual lexoviense: “É fazer-se muito pequena, entregar-se sem reservas” (NI 12) e confiar no amor Misericordioso, pois reconhece a sua “fraqueza” (NI 4, 6, 10), a sua “incapacidade” (NI 5), a sua “miséria”: “Nunca senti tão agudamente a minha miséria, nunca me vi tão miserável. Mas esta miséria não me deprime. Pelo contrário, sirvo-me dela para ir a Ele e penso que precisamente por ser tão débil me amou tanto e me deu tanto” (Ct 53). Isabel «queria morrer amando e cair nos braços do seu Amado» (NI 12). Prefere especialmente «o martírio do amor». A sua vocação é também o amor, a saber, ser o louvor de glória desse amor. Isabel, a exemplo de Teresa de Lisieux, exorta a sua amiga Germana de Gemeux a «viver de amor» e a «ser simples como ela». As duas Teresas – foram encontradas estampas de ambas nos livros litúrgicos de Isabel – guiam a vida e a oração de Isabel.

Para compreendermos a atenção dada por Isabel a Teresa em harmonia com o seu próprio carisma da presença de Deus, nada melhor do que ler a sua carta de 20 de Agosto de 1903 a Germana de Gemeaux, convidando-a: «sejamos simples como ela».

«É toda a Trindade que repousa em nós, todo este mistério que será a nossa visão no Céu: que seja o teu claustro. Minha irmãzinha, dizes-me, o que me agrada tanto, que a tua vida se esgota aí. A minha também: sou “Isabel da Trindade”, quer dizer, Isabel desaparecendo, perdendo-se, deixando-se invadir pelos Três; vês que estamos muito

perto n’Eles, somos uma, não é verdade? (...). Encomendo-te a todos os nossos santos, e muito particularmente à nossa **santa Madre Teresa** e à **irmã Teresa do Menino Jesus**. Sim, minha Germaninha, vivamos de amor, *sejamos simples como ela*, sempre entregues, imolando-nos minuto a minuto fazendo a vontade de Deus sem buscar coisas extraordinárias. E depois façamo-nos pequeninas, deixando-nos levar como a criança nos braços da sua mãe, por Aquele que é o nosso Tudo. Sim, minha irmãzinha, somos muito débeis, diria mesmo que somos apenas miséria, mas Ele sabe-o, gosta muito de nos perdoar, de voltar a levantar-nos, depois levar-nos n’Ele, na sua pureza, na sua santidade infinitas; é assim como Ele nos purificará pelo seu contacto contínuo, pelos seus toques divinos. Quer-nos tão puras, mas Ele mesmo será a nossa pureza: precisamos de nos deixar transformar na sua mesma imagem, e isso muito simplesmente amando-O em todo o tempo com aquele amor que estabelece a unidade entre aqueles que se amam! Eu também, Germana, quero ser santa, santa para fazer a sua felicidade. Pede-lhe que eu não viva senão de amor, “é a minha vocação”. E depois unamo-nos para fazer dos nossos dias uma comunhão contínua: de manhã, despertemos no Amor; durante todo o dia entreguemo-nos ao Amor, quer dizer, fazendo a vontade do bom Deus, sob o seu olhar, com Ele, n’Ele, somente por Ele. Dêmo-nos todo o tempo sob a forma que Ele quiser, tu dedicando-te, fazendo a alegria dos teus queridos pais. E depois, quando vier a noite, depois de um diálogo de amor que não cessou no nosso coração, adormecemos ainda no Amor. Talvez vejamos as faltas, as infidelidades, abandonemo-las ao Amor: é um fogo que consome, façamos assim o nosso purgatório no seu Amor!» (Ct 172).

Na Ct 179, de 20 de Setembro de 1903, Isabel cita novamente juntas as duas Teresas na mesma perspectiva de «vítimas de amor». Ser «vítima de amor» é o Ideal de Isabel e da sua amiga Germana de Gemeaux. Fala abertamente de Teresa de Lisieux como de uma autoridade espiritual.

«Dei-te à Santíssima Trindade e parecia-me que este dom era ainda mais verdadeiro, mais pleno que o do ano passado. Sim, irmãzinha, és toda para “Eles”, és a coisa de Deus, Oh! entrega-te a Ele, ao seu Amor!... **A Irmã Teresa do Menino Jesus** diz que “não somos consumidas pelo Amor senão quando nos entregarmos ao Amor”. Pois que aspiramos a ser vítimas da sua Caridade como a **nossa santa Madre Teresa**, é preciso que nos deixemos enraizar na Caridade

de Cristo, como diz S. Paulo na bela epístola de hoje. E como será isso? Vivendo sem cessar, através de todas as coisas, com Aquele que habita em nós e que é Caridade. Ele tem tanta sede de nos associar a tudo o que Ele é, e de nos transformar n'Ele. Minha irmãzinha, despertemos a nossa fé, pensemos que Ele está lá, no interior, e nos quer muito fiéis. Assim, quando tiveres vontade de te impacientar, ou de dizer uma palavra contra a caridade, volta-te para Ele, deixa cair esse movimento da natureza para Lhe agradar. Quantos actos de abnegação só conhecidos por Ele, a oferecer-Lhe! Não os percamos, minha irmãzinha. Parece-me que os santos, são almas que se esquecem em todo o tempo, e se perdem totalmente n'Aquele que amam, sem se voltarem para si mesmos, sem olhar a criatura, que podem dizer com S. Paulo: Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!». Para chegar a esta transformação, sem dúvida que é preciso imolar-se, mas, não é verdade, minha irmãzinha, amas o sacrifício porque amas o Crucificado. Oh! repara bem n'Ele, apoia-te n'Ele, e depois entrega-Lhe a tua alma, diz-Lhe que só O queres amar, que faça tudo em ti, porque és demasiado pequena. É tão bom ser a criancinha de Deus, e deixar-se levar por Ele em todo o tempo, e repousar no seu Amor! Peçamos esta *graça da simplicidade e abandono* à **irmã Teresa do Menino Jesus**: o noviciado prepara-se para a festa dela no dia 30 com uma novena; se quiserdes unir-vos a ele, dizemos um Magnificat, segundo o desejo que ela própria exprimiu a uma Irmã de um dos nossos Carmelos; encomendo-te uma grande intenção nesta novena. Em breve, antes de um mês, vamos celebrar a grande festa da **nossa santa Madre Teresa**, convido-te a a unir-te à vossa grande irmã do Carmelo; prepara-se para ela com uma espécie de retiro; o seu Cenáculo é o “Amor”, este Amor que habita em nós; também o meu exercício é entrar no interior, perder-me n'Aqueles que lá estão lá!... Dar-se, não é também a necessidade da tua alma, minha irmãzinha, oh, é a resposta ao seu Amor. Demos-Lhe também as almas, **a nossa santa Madre Teresa** quer as suas filhas muito apostólicas: é tão simples, o divino Adorador está em nós, assim temos a sua oração, ofereçamo-la, comunguemos dela, oremos com a sua Alma!» (Ct 179).

O reconhecimento da sua miséria aviva nela o sentimento da bondade de Deus: «Ele, que tem um coração tão terno, compreende-me... Que agradável é amá-lo, ser sua vítima de amor...!» (Ct 57). «Que bom é o abandono, sobretudo quando sabemos a quem nos

entregamos!» (Ct 62). Isabel tinha formulado, a princípios de 1900 durante os exercícios espirituais, o seu desejo de entrega total a Deus com esta determinação: «Quero ser santa» (D 138). É o eco de uma resolução anterior, expressa no seu Oferecimento de 1899, sempre como uma ressonância das palavras de Teresa de Lisieux no seu Acto de Oferecimento. «Numa palavra, desejo ser santa, mas sinto a minha incapacidade, e peço-vos, meu Deus, que sejais vós mesmo a minha santidade». Isabel repete quase as mesmas palavras: «Mestre, quero ser santa para ti. Sê tu a minha santidade, pois conheço a minha fraqueza. Obrigada» (NI 4). «Desejo ser santa contigo e para ti, mas sinto a minha incapacidade: sê tu a minha santidade» (NI 5). Cinco anos mais tarde repetirá as mesmas palavras de Teresa na sua oração: «Ó meu Deus, Trindade que eu adoro».⁸⁶

«É impossível não mencionar a presença de Teresa na oração *Ó meu Deus, Trindade que eu adoro* (NI 15). A oração de Isabel, por mais pessoal que seja na sua concepção e elaboração, mantém uma relação com o *Oferecimento* de Teresa, provavelmente inconsciente e devido ao facto de a conhecer de memória. Isto é patente sobretudo na segunda parte da oração, na sua dimensão cristológica. O tríptico e único «quereria» de Isabel (ser uma esposa para o vosso Coração, cobrir-Vos de glória, amar-Vos... até morrer de amor) assemelha-se – por azar ou eco espontâneo? – ao «desejo» (amar-Vos e fazer-Vos amar...cumprir plenamente a vossa vontade, ser santa), desejo tríptico e único, presente como movimento de partida no *Oferecimento* de Teresa. No começo da segunda parte da oração, a conjunção «mas» – «mas sinto a minha incapacidade e peço-Vos...» – evoca na memória de Isabel o «mas» de Teresa: «mas conheço a minha impotência, e peço-Vos». Teresa pede a Deus que seja a sua santidade – «que sejais Vós mesmo a minha Santidade» – e Isabel, com São Paulo (Gl 3, 27), pede a Cristo que a «revista d’Ele mesmo»: «para me revestirdes de Vós mesmo». Usa imagens e palavras de Teresa – «fixar» o «Astro», «permanecer», ser «fascinada», «noite», «luz» – do Ms B, que faz parte do famoso «capítulo onze» da *História de uma Alma*. Na terceira parte da oração, «entrega-se» «como uma presa» ao «Fogo consumidor, Espírito de amor», a exemplo de Maria sobre a qual «sobreveio» o Espírito (Lc 1, 35),

⁸⁶ Ciro García, *o. c.*, p. 114.

para alegria do «Pai», que reconhecerá em Isabel o seu «Bem-Amado» Cristo. A imagem da «presa» tornou-se-lhe familiar ao ler o Ms B no «capítulo onze» da *História de uma Alma*.⁸⁷

«Ele é a nossa Águia divina e nós somos as presas do seu amor» (Ct 41 de 18 de Fevereiro de 1901 à sua amiga Margarida de Gollot). Ressoa neste texto uma das páginas mais incandescentes do Manuscrito B de Teresa de Lisieux, na qual exprime o seu desejo de que a «Águia divina» a faça voar até ao Sol para ser presa do seu amor (B 5 v). «Amar, amar em todo o tempo, viver de amor, quer dizer ser entregue, ser a sua presa» (Ct 125). A imagem da «presa de amor» provém também de Teresa.⁸⁸

A julgar pelos escritos de Isabel, Teresa está menos presente depois do Verão de 1904, talvez devido às grandiosas descobertas em São João da Cruz e no Novo Testamento. É normal que, na última fase da sua vida, pense na outra jovem carmelita francesa, morta há nove anos. Mas, a partir de Abril de 1906, Teresa reaparece e volta com maior força e presença e acompanha Isabel na fase terminal da sua doença incurável e mortal. A Madre Germana, à sua cabeceira «prepara-a para o encontro com o Esposo» (Ct 278). Lembra-lhe a morte de amor de Teresa e a sua esperança de entrar no Braseiro do Amor e inspira-lhe a o seu abandono e confiança no Amor Misericordioso de Deus. Na iminência de partir deste mundo, uma semana depois da crise de 8 de Abril de 1906, na qual parecia morrer, Isabel, como Teresa, sente-se pobre, «tão pequena e com as mãos vazias»: «se soubesse como a nossa Madre é boa! Uma verdadeira mamã para a tua filha; asseguro-te que na noite da minha crise, apesar da minha alegria de ir para Deus, tinha necessidade de ouvir a sua voz e de sentir as minhas mãos nas dela, porque este momento é tão solene, e *sentimo-nos tão pequenas, e com as mãos tão vazias*» (Ct 266 a sua mãe, 15 de Abril de 1906). Esta evocação das «mãos vazias», *hapax* isabelino, é eco do Oferecimento de Teresa: «Na noite desta vida, aparecerei diante de Vós com as mãos vazias» (Or 6). Terá renovado Isabel, com a Madre Germana, o *Oferecimento* de Teresa?

⁸⁷ C. de Meester, *La rencontre...*, pp. 159-160.

⁸⁸ P 88; Ct 169; 171; 269; GV 7; NI 15.

A 8 ou 9 de Julho de 1906, Isabel invoca espontaneamente a Teresa de Lisieux para lhe dar pernas para andar: «No outro dia, quando a nossa madre chegou, sentia-me muito cansada, e disse-lhe que ia morrer, e ela retorquiu-me que, em vez de dizer isso, melhor faria em tentar andar. Gosto tanto de lhe obedecer! Quando fiquei sozinha, fiz tentativas junto à borda da cama; e isso custava-me tanto; roguei à **Irmã Teresa do Menino Jesus**, não para me curar, mas para me dar pernas, e pude andar. Se me visses como uma velhota curvada sobre a bengala, bem havias de rir» (Ct 295, a sua mãe, 11 de Julho de 1906). A 10 de Outubro de 1906, escreve a Germana de Gemeaux: «Poderei assistir a elas (festas em honra das bem-aventuradas mártires de Compiègne) de uma pequena tribuna, porque a Irmã Teresa do Menino Jesus, há três meses, atendeu-me dando-me a força para dar alguns passos, o que me era impossível» (Ct 324).

Isabel cita conscientemente a Teresa no exergo das suas cartas “*A minha vocação é o amor*” (Ct 274; 293; 298). Escrevendo a sua irmã Guida, chama-lhe «eco da minha alma” (Ct 204), tal como Teresa chamava a Celina, sua irmã, e à Irmã Germana “imagem do Deus da misericórdia” (Ct 271), como Teresa chamava à Madre Inês (Ct 298 a sua irmã, 16 de Julho de 1906).

Depois de 16 de Julho, Teresa desaparece novamente por causa da leitura de Ruysbroec, que enche o coração de Isabel quando, na primeira metade de Agosto, está a compor *O Céu na fé*.

A iminência da sua morte evoca-lhe a morte de Teresa e, em conversa com a Madre Germana, em confronto a missão póstuma de Teresa, formula o seu pensamento sobre a sua «missão póstuma» a realizar no céu: «À nossa pergunta de como pensava “passar a sua eternidade”, e se a exemplo da “Pequena Teresa” pensava “voltar à terra para o bem das almas”, replicou vivamente: “Oh não! Certamente que não! Logo que me encontro no umbral do Paraíso lançar-me-ei como um pequeno foguete no seio dos meus Três, um Louvor de glória não pode ter outro destino na eternidade; e nela penetrarei cada vez mais” A seguir, depois de uma pequena pausa, com os olhos fechados e as mãos juntas, acrescentou: “Se Deus me der algum crédito, pressinto que a minha missão no céu consistirá em atrair as almas... e conservá-las nesse grande silêncio interior”... e desenvolveu a sua ideia nos termos que encontramos na carta citada (Ct 335) à Irmã Maria Odília, 28 de Outubro de 1906)».

«Parece-me que a Águia divina se vai lançar sobre a sua pequena presa para a levar lá onde Ele está, na luz deslumbrante» (Ct 269 à sua irmã, fim de Abril de 1906). «Oh, Framboesa, que dias divinos passei na espera da grande visão de Deus; parecia-me que a Águia divina ia lançar-se sobre mim para me levar na sua claridade deslumbrante» (Ct 270 a Francisca de Sourdon, fim de Abril de 1906). A oração, a exemplo de Teresa (P 17), para Isabel «é um coração a coração que dura noite e dia» (Ct 270). Isabel, filha de Santa Teresa, sonha tornar-se «vítima de amor» (Ct 275), mas, como Teresa de Lisieux, «se eu não for mártir de sangue, quero sê-lo de amor» (Ct 287). Como ela, também Isabel há *dois meses de cama*, tentou «caminhar e consegui-o» (Ct 295).

No seu processo de interiorização não faltou a prova da fé a exemplo de Teresa: «Para mim já não é um véu: é um muro que se ergue até aos céus e cobre o firmamento estrelado» (C 7 v), depois de o ter sentido tão perto. Mas a fé diz-lhe que, «de todos os modos ele está ali». Contudo, sente como Teresa, o peso da sua miséria (C 2 v- 3 r), mas «esta miséria não a deprime, pelo contrário, serve-se dela para ir a Ele e penso que precisamente por ser tão frágil me amou tanto e me deu tanto» (Ct 53: 8 de Maio de 1901). A Madre Germana orientou-a na fé: «Ide a Ele pela fé».

O caminho de Isabel assemelha-se e distingue-se do caminho de Teresa de Lisieux. Ambas conjugaram o mesmo verbo «amar», embora em perspectiva diferente. As vocações de Teresa e de Isabel encontram-se no amor. Têm o mesmo fundamento no amor. O «deixate amar mais do que estes» (DA 2) de Isabel é eco do grito de Teresa de Lisieux: «no Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor» (B 3 v).

«O “pequeno caminho” de Teresa de Lisieux apoia-se na misericórdia de Deus (C 2 v); o caminho, simples e luminoso (DA 3), de Isabel da Trindade, apoia-se na inabituação das três Pessoas divinas na alma. Teresa contemplou o amor misericordioso perdando e cumulando de graças. Isabel contemplou a condescendência de Deus descendo ao fundo da nossa alma por amor».⁸⁹

«Teresa fala do caminho da infância espiritual, das almas pequenas, da simplicidade evangélica; Isabel testemunha a grandeza de

⁸⁹ Suzanne Vrai, *Laisse-toi aimer. Itinéraire spirituel avec Élisabeth de la Trinité*, Cerf, Paris, 1993, p. 100.

se sentir filha de Deus, santuário da Santíssima Trindade, Esposa de Cristo».⁹⁰

«Dirijo-me a Ele, como a criancinha à sua mãe, para que Ele preencha, para que tudo invada e que me tome e me leve nos seus braços; parece-me que é preciso ser *tão simples com o Deus*» (Ct 169).

«Se as duas mensagens não se identificam, também não se opõem uma à outra. Teresa quer ser «o amor no coração da Igreja» (B 3 v). Isabel deseja ser o amor – “a minha vocação é o amor” –, o seu “ideal” é “viver de Amor” (NI 12), mas “deixando-se amar” pelo Deus Amor, “toda entregue à sua acção criadora” (NI 15). Teresa quer «*ser o amor* no coração da Igreja. Isabel deseja amar para «*ser o louvor* da glória» de Deus».⁹¹

Teresa de Lisieux anunciou que «passaria o seu céu a fazer o bem sobre a terra» (UC 17. 7). Isabel da Trindade anuncia que permanecerá sobre a terra, mais precisamente «no fundo da alma» da Madre Germana de Jesus e que esta presença não será inactiva (DA 3). Esta inhabitação da noviça na alma da sua priora é original.⁹² Ao teresiano «quero passar o meu céu a fazer o bem sobre a terra» (UC 17. 7) corresponde o isabelino «crede que lá em cima, no Lar do amor, pensarei *activamente* em vós. Para vós, se o desejais, pedirei, e isto será o sinal da minha entrada no Céu, uma graça de união, de intimidade com o Mestre...» (Ct 330 à senhora Gout de Bize).

Isabel participava da oração missionária e do ardor apostólico de Santa Teresa e de Santa Teresinha. Redobra a sua oração pelo êxito da missão e, especialmente, pela conversão do Sr. Chapuis, cuja alma quer levar a Deus a toda a custa». Para isso, eleva ao Pai um bela oração, em nome de Jesus, fazendo valer o valor infinito do seu oferecimento, embora seja miserável e tenha «as mãos vazias» (Santa Teresinha); mas oferece-lhe a sua vida e está disposta a «sofrer mil tormentos» (Santa Teresa) para poder entregar essa alma a Jesus, a quem ama até morrer de amor (D 17).

Esta oração de Isabel ao Pai tem profundas ressonâncias das duas Teresas. Não admira, pois, anda a ler o *Caminho de perfeição* e a

⁹⁰ C. García, *La mística del Carmelo*, Burgos, 2002, p. 62.

⁹¹ Suzanne Vrai, *o. c.*, p. 103.

⁹² *Ibid.*, p. 118.

História de uma Alma. Compreende-se, então, o seu ardor apostólico, sob a influência dos primeiros capítulos do *Caminho*: «Faz que se acabe este mundo ou ponde fim a tão grandes males!». O eco da *História de uma Alma* aparece não apenas na expressão «mãos vazias», mas sobretudo no oferecimento da sua vida a Jesus, participando dos seus sofrimentos até morrer de amor.

Isabel supera Teresa de Lisieux em certas áreas, porque possui um sentido mais profundo da *Palavra de Deus*, porque é mais claramente do que ela profetisa da *presença de Deus* (Ct 333), porque possui um cristocentrismo ainda mais *trinitário*, porque centra mais a sua vocação no *louvor* da glória divina (CF 42-44), porque como *jovem leiga* mostra como seria Teresa no estado de jovem mulher no mundo se não tivesse entrado no Carmelo aos quinze anos, porque a sua *linguagem* é mais desnuda, menos floreada, mais forte e mais simples.⁹³

V. Conclusão

As *fontes de espiritualidade* que alimentaram a sua vocação e a sua vida de carmelita foram Santa Teresa de Jesus (Ct 169), o *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva* de São João da Cruz, santa Teresa do Menino Jesus (Ct 179), que a ajudaram a aprofundar o ideal contemplativo e apostólico do Carmelo. A contemplação, bem como a missão, é um chamamento universal que radica no baptismo: «Uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte (Lc 10, 42). Esta melhor parte que parece ser um privilégio que me foi outorgado na minha queridíssima solidão do Carmelo, o Senhor dá-a a todos os baptizados» (Ct 114).

«No processo de Isabel a presença dos santos fundadores do Carmelo Descalço desempenha um papel importante. Em primeiro lugar, conhecerá a Teresa, poucos anos antes da sua entrada no Carmelo. O encontro com São João da Cruz será mais tardio, embora

⁹³ C. de Meester, «*Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon*», pp. 210-212.

possivelmente mais determinante. Não obstante, tem-se a impressão de que numa primeira fase da sua vida espiritual, antes de descobrir a sua vocação de “*Laudem Glorïae*”, se deixa guiar com grande docilidade pela mão dos dois santos. A partir de 1904, data provável da descoberta da sua nova missão, é sobretudo João da Cruz quem a acompanha. Mas não como a uma principiante, mas como aquele que dá nome, ilustra o que ela vive e experimenta. Há um conceito, uma compreensão do homem espiritual que está na base de todo o pensamento vital e doutrinal de Isabel, e que constitui o princípio básico, tanto em Teresa e João da Cruz: a presença de Deus no centro da alma. Esta descoberta, possivelmente fruto da graça, coloca-a já em profunda sintonia com Teresa e João. Será, com o tempo, um dos aspectos no qual se verá mais iluminada pelos dois santos, principalmente por João».⁹⁴

«Se as duas Teresas são as guias práticas, os verdadeiros doutores de Isabel serão São João da Cruz, e cada vez mais, São Paulo e São João. A influência de Teresa de Lisieux exerce-se em Isabel sobretudo em 1903. Depois adianta-se São João da Cruz. E em 1905 dominará São Paulo. Nos últimos meses o Apocalipse de São João tornar-se-á também presente. Mas acima de tudo, na profundidade da sua vida de união com Deus, Isabel receberá d’Ele mesmo a inteligência do seu Mistério e o valor para se entregar inteiramente ao mistério. Em 1902 foi influenciada pelo padre Vallée no plano do vocabulário espiritual e teológico e recebeu dele alento no seu fervor e na sua fé no amor aos Três. Durante o Verão de 1906, leu uma antologia de Ruysbroec, que a confirma no seu ideal de conformação com a imagem de Cristo. Nos últimos meses da sua vida Isabel lerá (e ouvirá ler) passagens de Santa Ângela de Foligno; nestas leituras, o acento cai sobre a imitação de Cristo sofredor».⁹⁵

Isabel encontra dentro do Carmelo o ambiente adequado para viver a presença de Deus, quer pelo seu clima de oração, quer pela

⁹⁴ Rómulo Cuartas – F. Javier Sancho, *o. c.*, p. 112.

⁹⁵ C. de Meester, «*Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon*», pp. 193-194. «Se nos pedissem para classificar os autores segundo a sua influência, arriscaríamos esta ordem: 1. O Novo Testamento (São Paulo e João, sem esquecer São Lucas). 2. São João da Cruz. Santa Teresa de Lisieux. Santa Teresa de Ávila. 3. O Padre Vallée. 4. Ruysbroec. 5. Santa Ângela de Foligno» (Ibid., p. 194). O mesmo C. de Meester, *La rencontre*, p. 162, altera a ordem: 2. João da Cruz. 3. Teresa de Ávila. 4. Teresa de Lisieux. Além disso, coloca a Madre Germana no terceiro lugar ex aequo com Teresa de Ávila, pois ela merece-o» (Ibid., p. 163).

mensagem central da sua espiritualidade: uma espiritualidade da presença e da interiorização. Trata-se da presença pessoal de Deus que Isabel – como a sua Santa Madre Teresa de Jesus – sente no interior da sua alma e vive num diálogo permanente de comunhão com Ele. Esta presença irradia nela conhecimento e amor, até chegar a ser o vértice da sua experiência mística.

No Carmelo recebe novas luzes sobre o mistério da presença de Deus que preenche tudo (Ct 89; 91; 123; 139). Isabel entronca assim com a mais rica tradição do Carmelo. João da Cruz oferece-lhe no *Cântico espiritual* a sua doutrina sobre a natureza e os efeitos da presença divina na alma. Teresa de Jesus apresenta-lhe a arquitectura do seu *Castelo interior* no qual um Deus pessoal enche com a sua presença a morada central. Os místicos do Carmelo iluminam-lhe a presença amorosa de Deus que ela descobre no fundo do seu coração. Baseada nessa experiência (V 18, 15; M 1, 10), Teresa de Jesus ensina a oração de recolhimento como um entrar dentro de si: «Olhai o que diz Santo Agostinho que o buscava por muitas partes e veio a encontrá-lo dentro de si mesmo» (CV 28, 2). É esta experiência que fundamenta o seu *Castelo interior* (1M 1, 1). Isabel, que lia o *Caminho de perfeição*, experimentou as primeiras graças místicas neste recolhimento interior nos seus longos momentos de oração na capela das carmelitas de Dijon (D 14). Para Isabel, como para Teresa (1M 1, 1), «a alma é como um puro cristal no qual se reflecte a Divindade» (Ct 136).

A sua experiência da presença de Deus é cristológica e trinitária, como a da sua Santa Madre (V 27-29; 6M 7, 9; 8, 1-9; 7, 1. 6-7). Os eixos centrais que polarizam a espiritualidade teresiana e que, de alguma maneira, marcam também a de Isabel são a presença por graça, a experiência cristológica e a vivência trinitária. E se santa Teresa educa para viver esta presença (CV 26, 1), a beata Isabel fá-lo para chegar a «encontrar o céu na terra», a própria alma, onde Deus vive (Ct 133; 139). «Que viva só no interior, nessa cela que constróis no meu coração».

«Os mestres que a ajudavam a forjar a sua espiritualidade, além de São Paulo, foram Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, pois ao aprofundar nos seus escritos e nas Sagradas Escrituras, Isabel encontra o ideal de santidade no Carmelo Teresiano. (...) O seu grande amor a Cristo Crucificado e ao mistério das “Três” Divinas Pessoas da

Santíssima Trindade, na escola do Carmelo teresiano, fizeram dela uma mestra do recolhimento interior e da adoração, e uma testemunha particular da espiritualidade contemporânea. (...) Deseja ardentemente que Deus seja amado por todas as almas: que as almas vivam na intimidade dom Deus (Ct 161); «queria dizer a todas as almas que fontes de graça, de paz e também de felicidade...» (Ct 302). É a mensagem actual que Isabel oferece a todas as almas para as «fazer sair de si e entrar em Deus (Ct 335)».⁹⁶

João da Cruz percorre o mesmo caminho e convida a entrar dentro de si para buscar a Deus escondido no íntimo ser da alma: «A alma que há-de encontrar convém-lhe sair de todas as coisas segundo a afeição e a vontade e entrar no sumo recolhimento dentro de si mesma» (CB 1, 6). Ela mesma é «o aposento onde Ele mora e o canto e o esconderijo onde está escondido» (CB 1, 7). «Embora mais te pareça que o encontras e o sentes e entendes, sempre o hás-de ter por escondido e servi-lo escondido no escondido» (CB 1, 12). Isabel cita estes textos do Santo e convida a amiga Germana de Gemeaux a viver unida a Jesus (Ct 136; 142).

Embora recolha a doutrina teresiano-sanjoanina sobre a presença de Deus na alma, dá-lhe um toque de originalidade, dizendo que a presença de Deus é o seu «céu na terra» (Ct 139) e a sua vocação de «louvor de glória» (UR 6). À presença de Deus na alma corresponde, no dizer de Isabel, a presença da alma em Deus (Ct 62). A descoberta da presença divina na alma, do céu na terra, realizada em 1902, sob a inspiração teresiana e sanjoanina, será o ponto de arranque para estruturar mais tarde a sua forma de vida espiritual como «louvor de glória» e dar assim uma nova projecção à mensagem teresiano-sanjoanina.⁹⁷

Isabel é o «retrato-robot» da carmelita descalça por ela cantado, a 29 de Julho de 1902, na poesia *A Carmelita* (P 83). «Essa santa jovem – escrevia-nos após a sua morte uma Priora da nossa Ordem – é um *modelo perfeitíssimo de vida carmelita*. Tanto, que pus o Noviciado sob a sua protecção e os seus ensinamentos. Cumpre nele de

⁹⁶ Aniano Álvarez-Suárez, «Dimensión Trinitaria en la vocación de la Beata Isabel de la Trinidad», em *Monte Carmelo* 3 (2006), p. 628.

⁹⁷ Ciro García, *o. c.*, pp. 174-178.

um modo visível a sua Missão, essa missão que responde tão perfeitamente ao espírito da nossa santa vocação. Liberta-as fazendo-as sair de si mesmas, simplifica-as, pacifica-as, recolhe-as segundo as suas necessidades, ajudando-as a unir-se mais e mais com Deus. Sob a direcção da Irmã Isabel vemos como se realiza depressa a afirmação da Nossa Madre Santa Teresa no seu *Caminho de Perfeição*: “que o caminho do recolhimento interior é excelente meio para chegar a gozar em breve a água da fonte» (CV 29)».⁹⁸

Parece-nos sugestivo, como final, o testemunho de uma jovem estudante, citado por C. de Meester no seu artigo: «Eu tinha lido a João da Cruz e a Teresa de Ávila; era muito belo, mas demasiado sublime para mim. Depois, descobri a Teresa de Lisieux, e disse para mim: com toda a sua simplicidade, Teresa tem algo de genial que me ultrapassa. Mas Isabel é ainda mais simples, e isto é o que me faz falta».⁹⁹

⁹⁸ Madre Germana de Jesus, *Souvenirs*, c. 18, 2. «Nestas linhas... fica patente o paralelismo espiritual entre a Irmã Isabel e a sua seráfica Madre Santa Teresa. Nessa autêntica Carmelita aprecia-se muito claramente os mesmos traços sobrenaturais e a mesma marca da Santa Reformadora. Da mesma maneira que no Último retiro vemos reflectida, através de um duro ascetismo, a filha de São João da Cruz, implacável cortadora de tudo quanto lhe pudesse servir de obstáculo à sua união com Deus» (*Ibid.*, c. 18, 3).

⁹⁹ C. de Meester, «*Teresa de Lisieux e Isabel de Dijon*», pp. 209-210.

RE

revista de

ESPIRITUALIDADE

Ano XV – Nº 57 – Janeiro / Março 2007

PORTUGAL, Alpoim Alves

Isabel da Trindade

LEAL, Agostinho dos Reis

Biografia de Isabel da Trindade

REIS, Manuel Fernandes dos

Isabel da Trindade e os santos do Carmelo

- *Santa Teresa de Jesus*

- *S. João da Cruz*

- *Santa Teresa do Menino Jesus*